

Baía de Guanabara

Praia de Ramos

Roque Pinto

Marcílio Dias

Parque União

Rubens Vaz

Nova Holanda

Parque Maré

NOVA Maré

Baixa do Appeto

Morro do Timbau

Bento Ribeiro

Conjunto Pinheiro

Vila João

Conjunto Esperança

Canal do Cunha

Avenida Brasil

Linha Amarela

Linha Vermelha

CONSTRUINDO PONTE TES

Uma investigação sobre saúde mental,
violência, cultura e resiliência na Maré





**CONSTRUINDO
PON
TES**



ÍNDICE

- 4 APRESENTAÇÃO
- 6 MÚLTIPLAS MARÉS
- 11 'VIOLÊNCIA ARMADA' NO COTIDIANO
- 22 RESILIÊNCIA, RESISTÊNCIA, SOBREVIVÊNCIA
- 29 'VIOLÊNCIA ARMADA' ATINGE FREQUENTADORES DAS CENAS DE USO DE DROGAS
- 37 APRENDIZADOS
- 39 AGRADECIMENTOS
- 40 CRÉDITOS

APRESENTAÇÃO

Como vai a saúde física e mental dos moradores de favelas? Quais são os efeitos da *violência armada* sobre a mente e o corpo dos indivíduos que vivem nestas comunidades? Como essas pessoas cuidam do seu bem-estar e lidam com os riscos de um cotidiano violento? Essas foram algumas das indagações que guiaram a pesquisa **Construindo Pontes** durante uma investigação de três anos nas 16 favelas que compõem a Maré, na cidade do Rio de Janeiro.

Realizado entre 2018 e 2020, o projeto é uma iniciativa pioneira dedicada a medir e analisar o impacto da violência sobre a saúde de moradores de espaços populares. É também uma investigação sobre como os moradores da Maré consomem cultura e constroem **resiliência** – a capacidade de reagir de modo positivo a traumas e problemas.

Pessoas que experimentam situações de violência são vulneráveis a apresentar sofrimento mental e pior qualidade de vida. Estresse pós-traumático, ansiedade, depressão, fobias e tentativas de suicídio são alguns dos transtornos mentais que atingem os que vivem em conflitos armados. Além disso, frequentemente estes indivíduos sofrem danos à saúde física e prejuízos nas suas relações sociais e emocionais.



Neste Boletim, você vai encontrar uma síntese dos principais achados da pesquisa **Construindo Pontes**, publicados em versão completa em uma coleção de estudos que pode ser acessada na internet.¹ Além de um perfil da população, com dados sobre cor, gênero, idade, educação, ocupação, renda, hábitos culturais e religião, a pesquisa traz informações sobre a exposição dos moradores a situações violentas; quais situações lhes provocam medo; suas percepções a respeito da própria saúde física e mental; hábitos de consumo cultural e padrões de uso de drogas legais e ilegais.

Para tratar de um conjunto tão amplo de questões, o projeto reuniu pesquisadores de várias áreas – Ciências Sociais, Saúde, Economia e Cultura – e de diversas instituições², usando métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa.

Ao todo, **Construindo Pontes** entrevistou 1.411 moradores da Maré com 18 anos ou mais. A maior parte deste grupo – um total de 1.211 pessoas – foi selecionada aleatoriamente para compor uma amostra representativa dos moradores adultos da Maré. Os dados resultantes dessa amostra foram acrescidos das informações obtidas na etapa qualitativa, constituída por 27 entrevistas e quatro grupos focais.

O resultado deste levantamento revela que os moradores da Maré passam por situações de extrema violência, como estar em meio a tiroteios ou testemunhar assassinatos, com impressionante frequência. Os dados também mostram que a maioria desta população vive permanentemente com medo. Um quinto dos entrevistados acredita que este estado emocional causa prejuízos à saúde física; quase um terço revela efeitos sobre sua saúde mental.

Construindo Pontes entrevistou ainda 200 frequentadores das cenas de uso de drogas da Maré para compor um estudo específico sobre esse grupo. Os participantes responderam a um questionário muito parecido com o respondido pelos demais integrantes da amostra, com o acréscimo de perguntas relacionadas a situações de moradia nas ruas. Essa pesquisa também teve uma etapa qualitativa, com oito entrevistas e um grupo focal.

Os resultados mostram que os frequentadores das cenas de uso estão ainda mais expostos à violência do que o conjunto de adultos da Maré. Embora sejam frequentemente apresentados como agressores potenciais, estas pessoas são vítimas frequentes de ataques e apresentam níveis altos de sofrimento mental.

Outra frente de trabalho da pesquisa foi a realização de projetos criativos com jovens artistas e residentes das favelas da Maré. Oficinas de poesia resultaram no áudio-drama ou peça sonora *Becos*.³ O ensaio *A Maré de Casa* reuniu textos e fotografias feitos por moradores e fotógrafos da localidade durante a pandemia de COVID-19.⁴ Uma parte das imagens produzidas pode ser vista neste Boletim. Um terceiro projeto, o coral *Sons Normais*, que reuniu frequentadores de cenas de uso de drogas, precisou ser interrompido em razão da pandemia.

Os estudos realizados pelo projeto **Construindo Pontes** demonstram como são danosos os efeitos de um contexto marcado pela *violência armada* e recorrente sobre uma população numerosa, que convive com conflitos entre facções e incursões policiais brutais. Veja a seguir os principais resultados da pesquisa.

1 Os estudos completos estão disponíveis nos sites da Redes da Maré e do People's Palace Projects.

2 **Construindo Pontes** é fruto de uma parceria entre a Redes da Maré, organização da sociedade civil que atua no local desde 1997; o People's Palace Projects, centro de pesquisa da Universidade Queen Mary, de Londres; Escola de Serviço Social e Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e o Núcleo de Estudos em Economia da Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

3 Ouça *Becos* em <<https://becos.art.br/>>

4 Conheça o projeto em <<https://www.amaredecasa.org.br/>>



FOTO JAILTON NUNES

MARÉS MÚTIPLAS

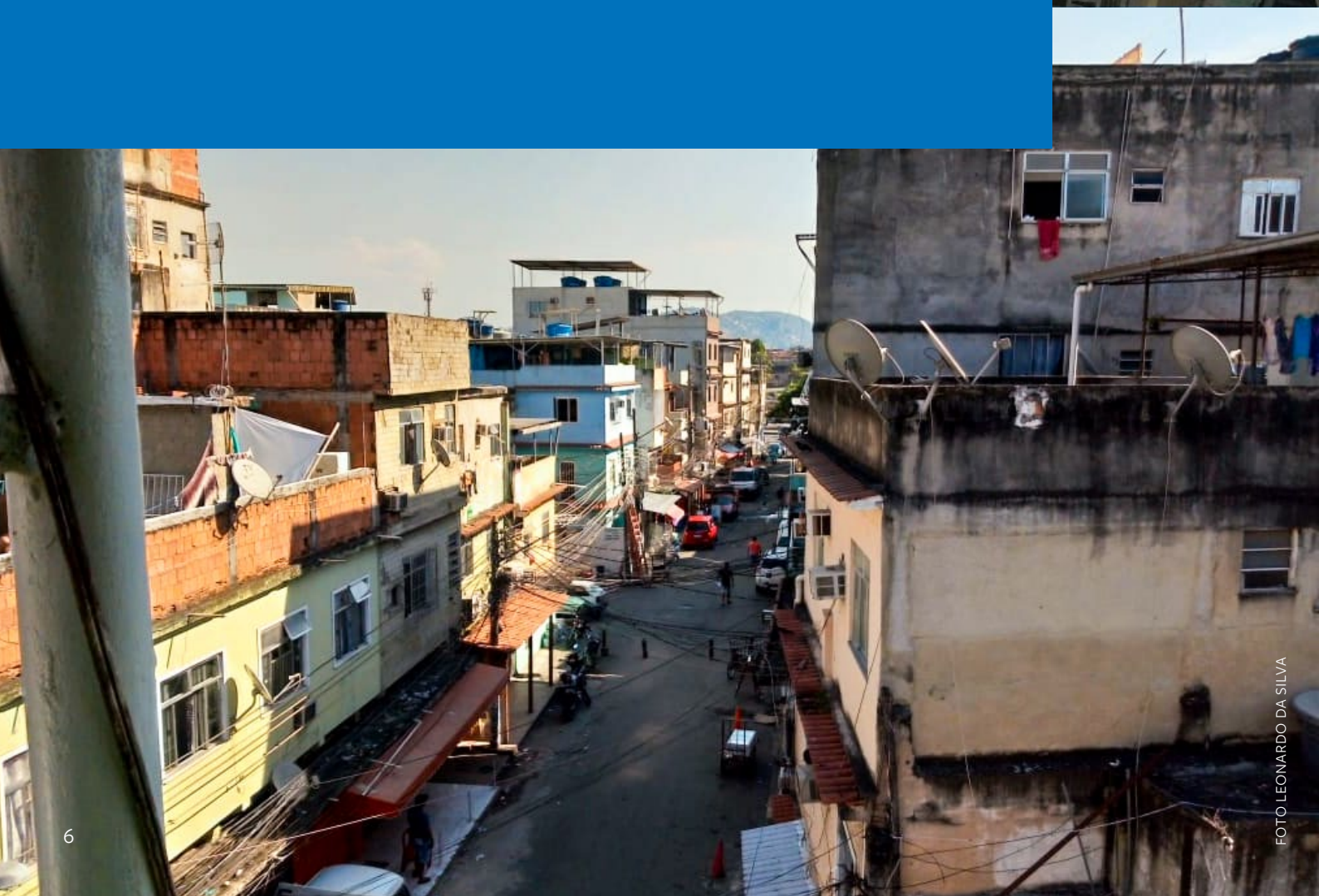
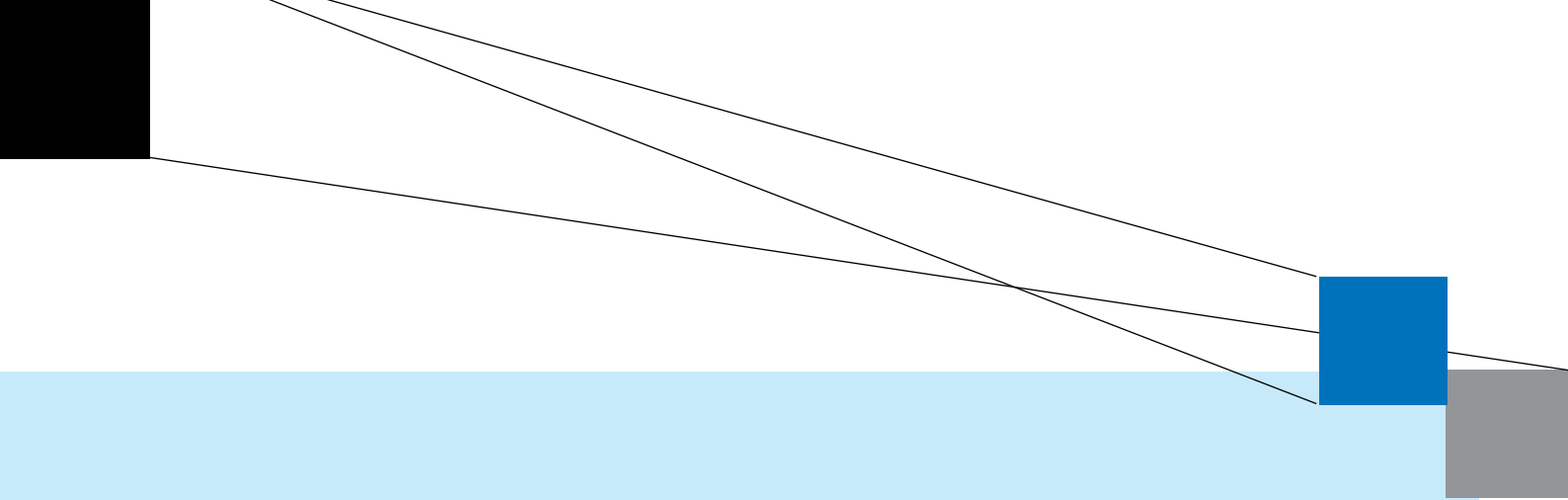


FOTO LEONARDO DA SILVA



Entre as principais vias de acesso à cidade do Rio de Janeiro e à beira da Baía de Guanabara, a Maré foi reconhecida como bairro em 1994. Mais populoso do que 96% dos municípios brasileiros, o conjunto de favelas abriga mais de 47 mil domicílios⁵ e cerca de 140 mil moradores, dos quais 37% são nordestinos. Na Maré funcionam mais de 3 mil estabelecimentos comerciais, 50 escolas, 7 unidades de Saúde e uma UPA. Apesar destes números, a oferta de políticas públicas ainda é insuficiente, tanto em qualidade quanto em quantidade, para assegurar os direitos básicos aos moradores.

COMO FIZEMOS A PESQUISA

Quem mora na Maré ou frequenta o lugar já sabe que a região não é homogênea. A Nova Holanda é diferente do Parque União que, por sua vez, diverge da Praia de Ramos e assim por diante. Características do terreno, história, tipos de habitação e atividades econômicas tornam cada uma das 16 comunidades do conjunto distinta das demais.

As favelas também contrastam no que diz respeito a experiências de violência. Por isso, para realizar uma pesquisa realmente representativa da Maré, equipe do projeto **Construindo Pontes** precisou dividir as 16 favelas em três grupos, delimitados por características urbanísticas e habitacionais e por diferentes regimes de domínio de grupos armados. Um dos grupos, chamado de Área 1, tem a presença dominante de uma facção do tráfico de drogas. Na Área 2, a facção é outra; em outro grupo de favelas, denominado de Área 3, o controle é exercido por grupos milicianos.

⁵ Em 2013, o Censo Maré, realizado pela Redes da Maré, identificou 47.776 domicílios.



16 Favelas da Maré

- 01. Conjunto Esperança
- 02. Vila do João
- 03. Conjunto Pinheiros
- 04. Vila dos Pinheiros
- 05. Salsa e Merengue (Novo Pinheiros)
- 06. Conjunto Bento Ribeiro Dantas
- 07. Morro do Timbau
- 08. Baixa do Sapateiro
- 09. Nova Maré
- 10. Parque Maré
- 11. Nova Holanda
- 12. Parque Rubens Vaz
- 13. Parque União
- 14. Parque Roquete Pinto
- 15. Praia de Ramos
- 16. Marçílio Dias

Em cada um desses três territórios, cerca de 400 domicílios foram selecionados aleatoriamente para compor uma amostra representativa da população da Maré. Cada uma dessas residências foi visitada por um dos pesquisadores da equipe. Em cada casa, um integrante da família maior de 18 anos foi sorteado para responder ao questionário. Ao todo, 1.211 pessoas foram ouvidas.⁶ A pesquisa visitou, aproximadamente, um em cada 40 domicílios da Maré.

Os entrevistados responderam a um extenso questionário, dividido em blocos, que abordava os seguintes temas:

- **Perfil** da pessoa entrevistada: gênero, idade, cor, tempo de moradia na Maré, escolarização, renda e ocupação, entre outros dados;
- **Hábitos e práticas culturais**, artísticas e de lazer, uso da internet, prática de esportes ou atividades físicas, filiações e frequência religiosas e participação comunitária;
- Informações sobre as **condições de saúde física e emocional**, doenças, procura por tratamentos e acesso à rede de Saúde. Este bloco trazia 53 questões sobre sintomas psicológicos percebidos pelas pessoas na semana anterior;
- **Uso de drogas legais e ilegais**, de bebidas alcoólicas ao *crack*;
- **Experiências de violências no território**, sobretudo a exposição à *violência armada*;
- **Bem-estar e qualidade de vida**: satisfação pessoal com a vida em geral, trabalho, situação financeira, relações familiares e de amizade, condições de moradia, segurança, lazer, saúde física e mental.

Já a fase qualitativa adotou várias abordagens. Foram realizadas 20 entrevistas em profundidade com moradores; sete entrevistas com profissionais de Saúde, Assistência Social e funcionários da Rede da Maré; e quatro grupos focais, que reuniram participantes de projetos

artísticos, profissionais da Rede de Apoio às Mulheres da Maré; as pesquisadoras que aplicaram os questionários de casa a casa e um grupo de frequentadores e ex-frequentadores de cenas de uso.

Ao desenvolver o extenso questionário utilizado na pesquisa, a equipe do projeto **Construindo Pontes** incorporou perguntas de instrumentos de pesquisa já consolidados, para produzir indicadores que permitissem mensurar os vários aspectos da experiência dos moradores da Maré. Foram calculados o *Índice Geral de Sintomas (GSI)*, voltado ao sofrimento mental e emocional e o *Índice de Qualidade de Vida Subjetiva*, que mede a satisfação do indivíduo com diversos domínios da vida (SQOL). Também foram desenvolvidos para o projeto o *Índice de Exposição à Violência Armada (IEVA)*, que combina informações sobre número, intensidade e frequência de episódios violentos; o *Índice de Violência Subjetiva (IVS)*, que contabiliza a frequência com que as pessoas se sentem ameaçadas; e o *Índice de Participação Cultural (IPC)*, que mede a frequência com que pessoas acessam práticas, atividades e equipamentos de arte e cultura. Neste Boletim, apenas alguns resultados deste trabalho serão mencionados, mas a metodologia utilizada em cada Índice e os seus resultados podem ser lidos nos estudos completos da pesquisa.

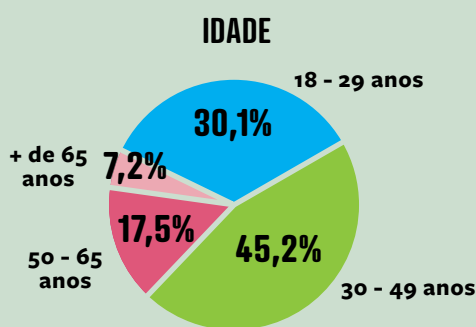
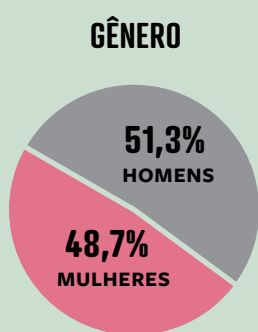
Durante a pesquisa, os integrantes da equipe sofreram o impacto da *violência armada*. Nove operações policiais ocorreram em diferentes áreas da Maré no período em que as entrevistas foram feitas, causando o cancelamento de atividades. Outros desafios foram a pandemia, que exigiu que algumas entrevistas fossem realizadas remotamente; as chuvas que, em alguns momentos, impediram o deslocamento das pesquisadoras; e a necessidade de trabalhar no fim do dia e nos fins de semana para encontrar os moradores em suas casas.

⁶ Todos os entrevistados autorizaram o uso das informações para fins acadêmicos. Seus nomes e comunidades de moradia foram mantidos em sigilo. O protocolo da pesquisa foi aprovado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

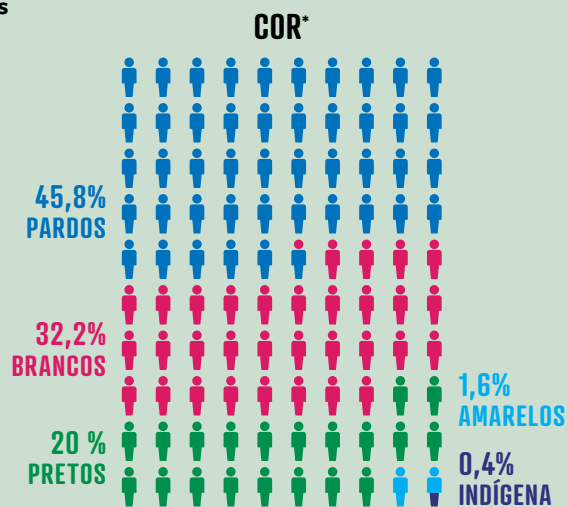
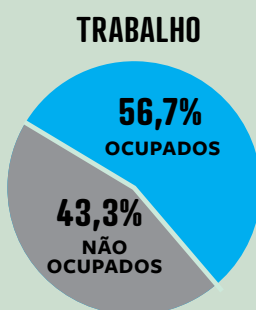
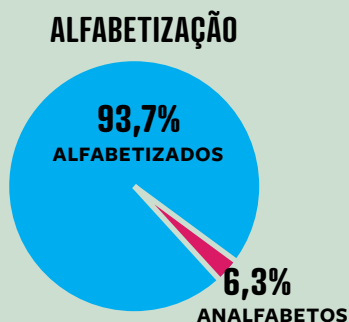
UM PERFIL DOS ADULTOS DA MARÉ

A pesquisa **Construindo Pontes** concentrou-se na **população da Maré com 18 anos ou mais, um grupo estimado em 101.549 habitantes**. A partir das respostas colhidas pelos pesquisadores, é possível saber que a maioria da população é de negros e tem entre 18 e 50 anos. As mulheres são pouco mais da metade.

O levantamento mostrou uma variação significativa do percentual de pessoas que se declaram pretas e pardas em relação ao Censo Populacional da Maré, realizado em 2013. À época do Censo, os pardos eram 52% da população adulta e os pretos, 9%. Já em 2019, quando foi feita a pesquisa domiciliar do projeto **Construindo Pontes**, 20% dos adultos da Maré se declararam pretos e 45,8%, pardos.



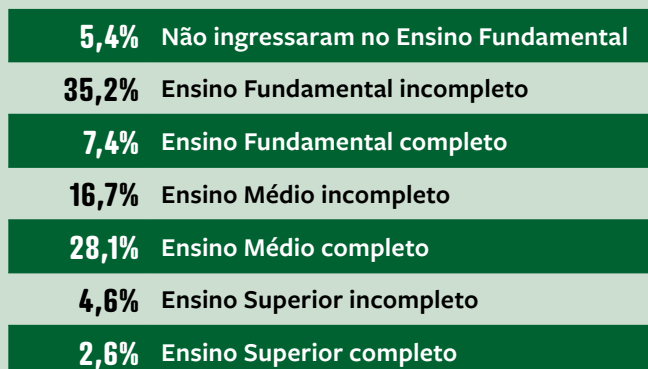
75%
dos adultos da Maré têm menos de 50 anos



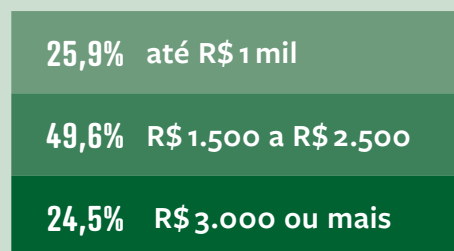
*De acordo com autodeclaração do entrevistado

Cerca de **6.400** moradores da Maré não sabem ler e escrever

ESCOLARIDADE



RENDA DOMICILIAR MENSAL⁷



⁷ Os participantes da pesquisa escolheram entre opções que variavam de R\$ 500 a R\$ 5.000, com intervalos de 500 reais.



A 'VIOLÊNCIA ARMADA' NO COTIDIANO



Chamamos de *violência armada* aquela que se caracteriza pela circulação de armas de fogo nos territórios. Este contexto, marcado pelo grande número de confrontos armados e de vítimas letais, se concentra nas favelas e comunidades pobres. Suas vítimas são, principalmente, os que vivem ou circulam nos locais onde grupos armados realizam suas atividades. Para as comunidades destes territórios, sofrer, testemunhar e temer atos violentos é parte de uma rotina angustiante.

A vida na Maré é profundamente afetada pela presença desta modalidade de violência. Neste bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, o cotidiano é marcado por registros de tiros e tiroteios, operações policiais, ocupações militares, confrontos entre grupos armados, feridos, homicídios, mortes por intervenção de agentes do Estado, fechamento de equipamentos públicos e restrições à circulação entre os vários territórios.

A violência nas favelas onde há grupos armados tem características próprias:

- as situações de violência são repetidas e frequentes;
- as violências ocorrem no local onde vivem as pessoas;
- muitas vezes, o autor da violência pode ser um vizinho ou conhecido;
- a violência envolve armas de guerra (granadas, fuzis, metralhadoras);
- os moradores não têm acesso à proteção das forças de Segurança do Estado;
- as forças policiais só entram no local em grupos, em operações que causam vítimas e violações;
- os grupos armados locais impõem regras e penalidades aos moradores.

O *Boletim de Segurança Pública*⁸ produzido pela Redes da Maré desde 2016 demonstra de forma eloquente os danos da *violência armada* no conjunto de favelas. **Entre 2016 e 2020, esse levantamento contabilizou 151 mortos e 147 feridos por armas de fogo.** Veja a seguir os dados referentes aos anos de realização da pesquisa **Construindo Pontes**. Vale observar que, nesses três anos, o número de mortos em operações policiais (58) foi muito superior ao registrado em confrontos de grupos armados (34). Da mesma forma, os feridos em operações (57) superaram os atingidos em conflitos de facções (31).

OCORRÊNCIAS	2018	2019	2020
Operações policiais	16	39	16
Mortes em operações policiais	19	34	5
Feridos em operações policiais	10	30	17
Confrontos entre grupos armados	27	30	26
Mortes em confrontos entre grupos armados	5	15	14
Feridos em confrontos entre grupos armados	7	15	9

Fonte: Boletim de Segurança Pública/ Redes da Maré

⁸ Disponível em <<https://www.redesdamare.org.br/br/publicacoes>>

Mas o impacto vai além das vítimas feridas ou mortas. Ainda segundo o levantamento da Redes, em 2018, as escolas deixaram de funcionar por 10 dias; as unidades de Saúde, por 11. Naquele ano, a taxa⁹ de mortes por intervenção de agentes do Estado – ou seja, o número de vítimas fatais em operações e demais ações policiais na Maré – foi de 13,7,¹⁰ bem superior a do município do Rio de Janeiro, que foi de 8,4.¹¹

Já em 2019, houve 39 operações policiais, que causaram a suspensão das aulas por 24 dias e o fechamento por 25 dias das unidades de Saúde. A taxa de vítimas fatais em ações policiais aumentou radicalmente, chegando a 23,4, mais do que o dobro da registrada no município do Rio naquele ano, que foi de 10,9.

Em 2020, em meio ao contexto da pandemia do novo coronavírus, e graças à mobilização de moradores de favelas, coletivos, organizações e movimentos sociais, o Superior Tribunal Federal (STF) concedeu decisão liminar suspendendo operações policiais em favelas do Rio de Janeiro, salvo em casos excepcionais. A medida resultou em uma redução de 59% das operações policiais naquele ano. Foram registradas cinco mortes nessas ações; os feridos somaram 17. Os atendimentos em unidades de Saúde foram suspensos em oito dias.

A pesquisa **Construindo Pontes** perguntou aos entrevistados se foram vítimas ou testemunharam eventos como tiroteios, agressões, tiros, entre outras situações. Como mostraremos a seguir, os resultados são chocantes: é impressionantemente alta a proporção de moradores da Maré que viveram situações de violência nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Nos textos abaixo, além de apresentarmos as frequências com que moradores da Maré foram expostos a tiroteios, assassinatos e agressões, comparamos a incidência com que essas situações de violência apareceram nos relatos de participantes nas três Áreas analisadas pelo estudo.

Como padrão, nas Áreas 1 e 2, onde atuam grupos armados ligados ao tráfico de drogas, a proporção de pessoas que disse ter sofrido ou testemunhado atos violentos é superior à auferida na Área 3, onde agem as milícias. É importante qualificar tais resultados. Sabemos, pelas entrevistas realizadas na pesquisa qualitativa e pela experiência dos pesquisadores na Maré, que os milicianos exercem formas de coerção sobre os moradores que não são facilmente captadas numa pesquisa dedicada a entender o impacto da violência bélica sobre a saúde mental. Nestes espaços, a violência não é concretizada na ostentação de armas e nos conflitos com as forças policiais, mas na demanda por pagamentos e no controle de atividades e comportamentos.

Neste sentido, os contrastes entre as Áreas com grupos de traficantes no varejo e de milicianos são indícios da complexidade do fenômeno da violência na Maré e dos seus impactos sobre os moradores das favelas. É importante que a leitura dos dados leve em consideração estes aspectos, bem como a necessidade de outros elementos, que não foram tema da pesquisa **Construindo Pontes**. Os resultados aqui apresentados indicam que é preciso investir em outras investigações para, a partir destes achados, compreender as especificidades existentes no contexto das favelas da Maré.

9 Número de eventos dividido pela população e multiplicado por 100.000.

10 As taxas de mortes por intervenção de agentes do Estado na Maré foram calculadas pelo projeto *De Olho na Maré*, da Redes da Maré.

11 Fonte: Instituto de Segurança Pública (ISP).

ESTAR EM MEIO A UM TIROTEIO

Os tiroteios são os eventos mais emblemáticos da violência armada. Em regiões conflagradas, onde há conflitos entre grupos rivais e destes com forças de Segurança, os moradores vivem sob tensão permanente. Em 2019, ano da pesquisa domiciliar, além de 39 operações policiais (das quais 13 usaram helicóptero blindado), houve cinco confrontos entre grupos armados e 73 registros de tiros e tiroteios sem causa evidente.

O questionário aplicado pela pesquisa comprovou que esta é uma experiência comum. Dos 1.211 que responderam ao questionário, **44% relataram ter estado em meio a um tiroteio nos 12 meses anteriores**. Com base nesta amostra, a pesquisa estima que **44 mil moradores e moradoras viveram essa situação** no mesmo período. Dos que estiveram no meio de um confronto armado, 73% passaram por essa experiência mais de uma vez, o que corresponde a 32% do total de residentes adultos.

No meio da aula, com medo de os helicópteros atirarem para baixo, a gente ficou horas escondidos no banheiro (...). Os policiais entraram e eles atiraram, as crianças jogadas no chão e a gente não conseguia correr, não sabia o que fazer (...), foi assustador.

(Mulher, negra, 21 anos, moradora)

Entre os que relataram ter passado por uma situação do tipo, encontramos:

- Mais homens (53%) do que mulheres (47%);
- Mais pretos e pardos (46%) do que brancos (39%);
- Mais jovens: 59% das pessoas de 18 a 29 anos estiveram em meio a tiroteios (o percentual é 44,5% na faixa de 30 a 49 anos; 29% no grupo de 50 a 65 anos e 12% entre aqueles com mais de 66 anos).

Chama a atenção a diferença dos percentuais de pessoas que viveram essa experiência entre as diferentes áreas da Maré. Nas Áreas 1 e 2, onde atuam diferentes facções do tráfico de drogas, 50% e 48% dos moradores, respectivamente, disseram ter estado em meio a um tiroteio. Na Área 3, controlada por grupos milicianos, onde os registros de confrontos armados e, especialmente, de operações policiais, praticamente não existem, apenas 5% relataram ter passado por essa situação. Uma hipótese que pode explicar esta discrepância é que o policiamento e outros tipos de interação envolvendo policiais e grupos criminosos funcionam de modo distinto nos diversos territórios da Maré, sobretudo aqueles onde há presença da milícia.

TESTEMUNHAR FERIMENTOS A BALA OU ASSASSINATOS

Nada menos do que 17% dos moradores e moradoras da Maré acima de 18 anos viram alguém ser baleado ou assassinado no ano anterior à pesquisa domiciliar – um percentual que corresponde a um total de 17.019 pessoas. Desses indivíduos, 55% testemunharam esse ato mais de uma vez no período, ou 9% dos residentes adultos.

As diferenças entre territórios também aparecem nesta categoria. Na Área 1, o percentual de pessoas que declararam ter visto alguém ser baleado foi de 23%; na Área 2, de 15%. Já na Área 3, ocupada por forças milicianas, a proporção de moradores que testemunharam um evento deste tipo foi de apenas 2,1%. Mais uma vez, esta diferença expressa a diversidade dos contextos de Segurança Pública na Maré, especialmente no que tange aos padrões de intervenção policial.

VOCÊ JÁ TEVE ALGUÉM PRÓXIMO MORTO OU BALEADO?

Essa pergunta revelou de forma dramática o alcance da violência na Maré. Diferente de outras questões, que consideravam o período de um ano antes da pesquisa, essa indagação se referia a toda a história de vida da pessoa entrevistada. Cerca de um quarto dos moradores (25,5%) teve alguém próximo ferido ou assassinado. Mais da metade destas pessoas (51,7%, ou 13% do total de moradores adultos) relatou mais de uma vítima nas suas relações.

Os moradores da Área 2 foram os mais afetados: 28,2% deles tiveram alguém próximo morto ou baleado. Na Área 1, a proporção foi de 25%. Mesmo na Área 3, o percentual foi significativo: 14%. Este resultado, maior do que o verificado nas perguntas anteriores, pode ser justificado pela inexistência de um período específico a considerar. A extensão ilimitada do tempo permite, por exemplo, que a resposta se refira a experiências que ocorreram quando a pessoa vivia em outro território da Maré, ou em um momento histórico marcado por outra conjuntura de domínio e atuação dos grupos armados.

A gente teve um amigo nosso que morreu em tiroteio, seu Paulo, morreu ano retrasado; minha cabeleireira tomou um tiro de fuzil, foi ver na janela o que aconteceu e morreu, e teve o vizinho que foi comprar pão de manhã com fone de ouvido, não ouviu que começou o tiroteio, morreu com pão na mão na rua.

(Homem, 23 anos, morador)¹²

¹² Devido a dificuldades de comunicação remota durante as entrevistas da fase qualitativa da pesquisa, feitas no período da pandemia, algumas pessoas não declararam todas as informações, como idade ou cor

TESTEMUNHAR AGRESSÕES FÍSICAS

Quase **um quarto (24%) dos moradores e moradoras adultos da Maré viu alguém ser espancado ou agredido** nos 12 meses antes da pesquisa – um total estimado de 23.753 pessoas. Para 63% dessas pessoas (ou 15% da população adulta), isso aconteceu mais de uma vez.

Como nas demais ocorrências, o percentual de testemunhas dessas agressões foi maior nas Áreas 1 e 2 (30% e 23%, respectivamente) do que na Área 3 (7,3%).

A pior época foi a que a milícia estava aqui, eles esculachavam, te pegavam na rua, te davam tapa...

(Homem, negro, 29 anos, morador)

“... Eu confesso que quando eu testemunhei a condição do meu filho (...) e do meu sobrinho, sentados no chão apanhando (...) eu chorei.”

Homem, negro, 46 anos, morador

INVASÃO DE DOMICÍLIOS E DANOS MATERIAIS

De cada 100 moradores da Maré acima de 18 anos, 13 tiveram suas casas invadidas nos 12 meses anteriores à pesquisa **Construindo Pontes**. O percentual indica um total de 13.357 domicílios que passaram por invasões, muitas vezes acompanhadas de violência verbal, extorsão e perdas materiais. Entre os moradores que tiveram suas residências violadas, 47% passaram por essa situação mais de uma vez. **Entre os moradores, 12% relataram algum tipo de perda material sofrida diretamente ou por familiares.**

Como nas demais ocorrências, a Área 3 teve uma baixa presença de invasões domiciliares: apenas 1,3% dos moradores relataram o problema. Este tipo de violação ocorre com mais frequência na Área 1, onde 20% dos entrevistados afirmaram ter vivido essa violência. Já na Área 2, o percentual foi de 11%. A diferença se explica pelo menor número de operações policiais na Área 3 e pela presença de conjuntos habitacionais verticais na Área 2, que parecem inibir as buscas em residências.

Já aconteceu de eu estar dormindo e acordar com um fuzil na cara. Eles entram, abrem a porta...

(Mulher, 53 anos, moradora)

Minha televisão rachou no chão, ele foi puxar assim pra ver o que tinha atrás, mas puxou com aquele ódio, caiu no chão, entendeu? São coisas que eu não vou esquecer.

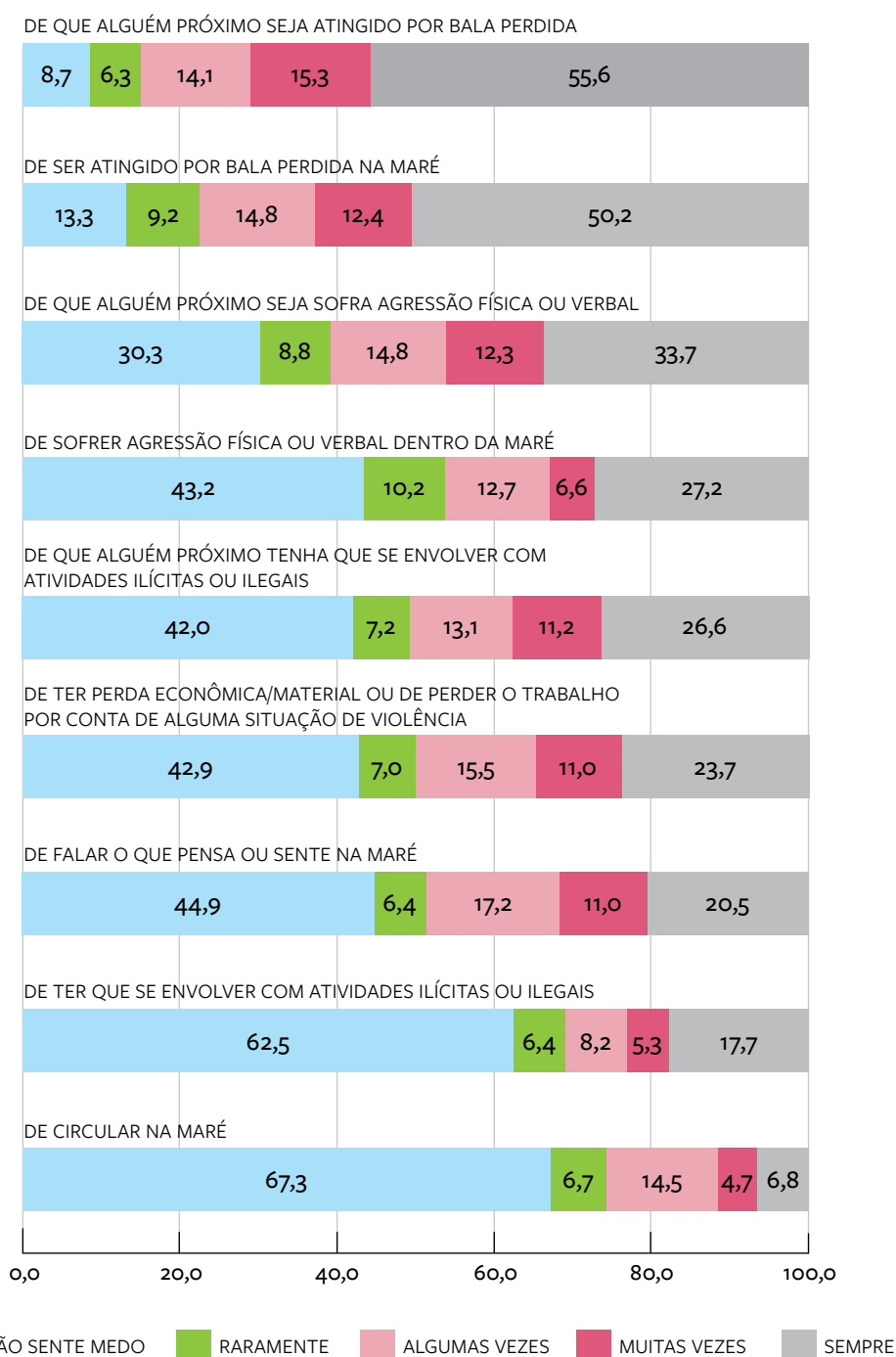
(Homem, negro, 22 anos, morador)

MEDO: UMA COMPANHIA CONSTANTE

Os efeitos da *violência armada* sobre moradores de favelas vão além das dimensões objetivas, como mortes e danos a propriedades. A violência restringe a circulação de pessoas e ideias, produz traumas, afeta a saúde e reduz a confiança nas instituições. A pesquisa **Construindo Pontes** buscou compreender as consequências da violência sobre a população da Maré, com base em dados quantitativos e nos relatos dos moradores.

O gráfico a seguir representa as diferentes formas de expressão de medo e a sua frequência, a partir dos dados obtidos nas entrevistas com a população da Maré.

MEDOS RELACIONADOS À VIOLÊNCIA ARMADA NA MARÉ



De modo geral, as respostas da população da Maré sobre medo da violência e sentimento de insegurança concentraram-se em dois polos extremos da escala – “nunca” e “sempre”.

Metade da população (50,2%) sempre sente medo de ser alvejada por uma arma de fogo na Maré. Um número ainda maior (55,6%) sente medo constante de que alguém próximo seja atingido. Se juntarmos a estes grupos os que declaram ter receio “muitas vezes”, os que sofrem “com frequência” do medo de ser atingidos por bala perdida¹³ são 63%, subindo para 71% quando se referem a outra pessoa. Portanto, o temor da *violência armada* acompanha diariamente a maioria dos moradores.

Apesar disso, **a maioria dos entrevistados – 67,3% – afirma não sentir medo de circular na Maré**, temor relatado por 11,5% dos participantes da pesquisa. Da mesma forma, **62,5% da população não têm receio de se envolver em atividades ilícitas ou ilegais.**

Chama a atenção que cerca de **um terço da população da Maré (31,5%) costuma sentir medo de falar o que pensa e o que sente.** Outros 35% sentem medo de sofrer alguma perda econômica ou material.

Tenho esse meu amigo que, quando ele ouve algum tiro, alguma coisa assim, ele manda mensagem para mim. (...) Você está em casa? Você está na rua? Me avisa porque eu estou preocupado com você.

(Homem, negro, morador)

Eu tenho medo de algum amigo, algum familiar estar na rua. Eu tenho medo de alguém ser atingido, sabe? Eu acho muito triste quando eu ouço uma história de: poxa, fulana estava saindo para trabalhar e tomou um tiro, uma criança estava fazendo não sei o quê, tomou um tiro.

(Mulher, branca, 41 anos, moradora)

O receio da *violência armada* se expressa de forma não verbal, nos costumes e comportamentos dos moradores. Nas áreas de *divisa* – na proximidade das fronteiras entre os territórios de grupos rivais – as construções seguem padrão próprio. Os tijolos são sempre empilhados na horizontal, para proteger melhor os moradores contra os tiros. Também é reveladora a reação automática dos habitantes aos tiroteios. Ao primeiro estampido, todos correm, sem hesitar, para o cômodo considerado mais seguro e adotam posições de proteção.

¹³ Embora a expressão *bala perdida* seja criticada por abrandar o ato de quem atira em áreas populosas, onde há risco de atingir pessoas alheias aos conflitos, o termo foi utilizado no questionário da pesquisa por ser popularmente usado para designar o projétil de arma de fogo que atinge pessoa que não estava envolvida no fato ou evento que motivou o disparo.

SAÚDE E VIOLÊNCIA ARMADA

Os moradores da Maré sentem em seus corpos o impacto da rotina de violências. De acordo com os resultados da pesquisa Construindo Pontes, **um quinto da população (20%) acredita que o contexto de violência da Maré afeta a sua saúde física.** Dos entrevistados, 37% relataram, pelo menos, um problema de saúde física nos três meses anteriores à pesquisa. Os principais problemas apontados pelos que relataram prejuízos corporais foram hipertensão arterial (30% dos relatos) e doenças osteoarticulares, como problemas de coluna (23%).

Um número ainda maior dos habitantes da Maré identificou problemas de ordem mental e emocional motivados pela violência: ao todo, **31% perceberam prejuízos à saúde mental e emocional.** Um quinto (19,5%) dos que responderam ao questionário disse ter sofrido com algum problema de saúde mental nos três meses anteriores à pesquisa. Entre os que disseram ter percebido consequências mentais e emocionais, as desordens mais comuns foram episódios depressivos (26%) e ansiedade (25,5%).

Os que sofreram exposição direta a situações violentas relatam danos com mais frequência: entre os que se viram em meio a tiroteios, **44% acreditam que sua saúde mental foi prejudicada e 29% percebem efeitos sobre a saúde física.** Para os que não passaram por essa situação, os percentuais foram de 21% e 12,5%.

Das pessoas que estiveram em meio a tiroteios, **12% relatam pensamentos sobre suicídio e 30% sobre morte,** um indício dos prejuízos causados à saúde mental pela exposição à violência. Os que passaram por essa experiência apresentaram sintomas físicos como dificuldade para dormir (44%); perda de apetite (33%); vontade de vomitar e mal-estar no estômago (28%) e calafrios ou indigestão (21,5%).

Assim como os relatos de exposição a situações violentas, as questões relativas aos danos à saúde apresentam diferenças, a depender da favela onde o entrevistado resida. Nesse item é fundamental observar as diferenças na atuação dos grupos civis armados na região, milicianos e traficantes de drogas no varejo.

Os relatos de danos à saúde variam de acordo com o território. Nas Áreas 1 e 2, onde atuam facções do tráfico, o percentual de indivíduos que acredita que sua saúde física foi prejudicada pela exposição à violência é de 23% e 19,5%, respectivamente. Já na Área 3, a proporção foi de 8%.

Em relação à saúde mental, foram observadas diferenças consideráveis: 33% dos entrevistados das Áreas 1 e 2 disseram que sua saúde mental e emocional foi prejudicada pela violência na Maré, enquanto na Área 3 este percentual foi de 12%.

Relatos de mães das crianças contando [que] quando escuta um helicóptero, a criança se treme toda. Inclusive evacua de medo. Não consegue sair de casa. Várias mulheres relatam problemas de saúde.

(Mulher, participante do grupo focal com profissionais da Maré)

Aí você fica com aquilo na cabeça. Tipo assim (...), eu que tenho filho, eu não posso sair, ou então quando eu sair tenho que sair, assim, olhando para todos os lados, para saber como é que estão as coisas, ver se não está perigoso.

(Homem, negro, 29 anos, morador)

USO DE DROGAS LEGAIS E ILEGAIS

Dos participantes da pesquisa domiciliar **Construindo Pontes**, 17% afirmaram nunca ter consumido qualquer substância psicoativa – nem mesmo as legais, como álcool e cigarro. Estas são, por sinal, as drogas mais comuns utilizadas pelos integrantes da amostra representativa da população adulta da Maré: 78,8% deles já consumiram bebidas alcoólicas e 36,7% tabaco, em algum momento de suas vidas. Na população adulta, 13,8% relataram já ter usado maconha e 4,1% cocaína.

A pesquisa investigou com que frequência as pessoas utilizam tais substâncias. O álcool é o mais comum: 27% dos ouvidos consomem diariamente ou semanalmente. Os que fumam tabaco frequentemente são 11,8% e os usuários regulares de maconha 4,1%. O percentual de pessoas que usaram substâncias psicoativas nos últimos três meses foi de 54%.

EXPERIÊNCIA E USO RECENTE DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

SUBSTÂNCIA	PARCELA DA POPULAÇÃO ADULTA DA MARÉ QUE...		
	PROVOU ALGUMA VEZ NA VIDA	FEZ USO NOS ÚLTIMOS TRÊS MESES	FEZ USO FREQUENTE* NOS ÚLTIMOS TRÊS MESES
Derivados do tabaco	36,7%	14,5%	11,8%
Bebidas alcoólicas	78,8%	49,0%	27,1%
Maconha	13,8%	5,0%	4,1%
Cocaína	4,1%	0,30%	0,3%
Crack	0,6%	0,08%	0,08%
Anfetaminas ou êxtase	1,0%	0,16%	0,0%
Inalantes	1,1%	0,08%	0,0%
Hipnóticos / sedativos	0,3%	0,0%	0,0%
Alucinógenos	1,0%	0,04%	0,0%
Opioides	0,1%	0,00%	0,0%
Outra substância	0,2%	0,05%	0,05%

*Uso semanal ou diário

Fonte: Dados da pesquisa **Construindo Pontes**, 2019.

VIOLÊNCIA DIFÍCIL ACESSO A SERVIÇOS

Um dos efeitos mais graves da *violência armada* nos territórios de favela é a imposição de barreiras para o acesso a serviços e equipamentos públicos, incluindo os de Saúde. Tanto os profissionais que trabalham nas unidades de Saúde quanto as famílias que delas necessitam, frequentemente, encontram dificuldades para se deslocar até o local de atendimento. Também é comum que unidades de Saúde fechem as portas e cancelem visitas domiciliares em razão de conflitos ou operações. Segundo os dados da pesquisa, 54% dos adultos da Maré sofreram alguma limitação no acesso a equipamentos públicos em decorrência das situações de violência. Em 2019, as unidades de Saúde da Maré deixaram de funcionar por 25 dias em razão de operações policiais, deixando de realizar 15 mil atendimentos.

Digamos que tem uma consulta marcada às 10 horas, mas começou tiro atrás da minha rua às 9h40 e esse confronto dura meia hora (...). Perdi a consulta, porque o médico precisa ter uma agenda, não é?

(Homem, morador)

Como nos demais aspectos da violência na Maré, as limitações à circulação foram mais relatadas nas Áreas 1 (65% dos entrevistados) e 2 (57%). Na Área 3, 3,9% dos participantes da pesquisa encontraram restrições ao acesso a serviços.

- Com base nas respostas da amostra, 26,5% da população residente sofreram alguma forma de prejuízo no trabalho, escola ou universidade, devido a situações de violência na Maré no período de um ano antes da pesquisa. Dos que relataram ter vivido esse tipo de situação, 84% das pessoas passaram por isso mais de uma vez.
- 5,5% dos moradores sofreram discriminação, preconceito ou racismo dentro da Maré. Outros 5% contaram que algum familiar sofreu essa violação.
- 11% da população sofreram violência verbal nos 12 meses anteriores à realização das entrevistas; 8% tiveram familiares que sofreram esse tipo de agressão.

Eu aprendi muito com a terapia e acho que a favela precisa disso. Eu acho que deveria ter muito, mas muito psicólogo de clínica da família, porque (...) isso não é luxo, é necessidade.

(Homem, branco, morador)

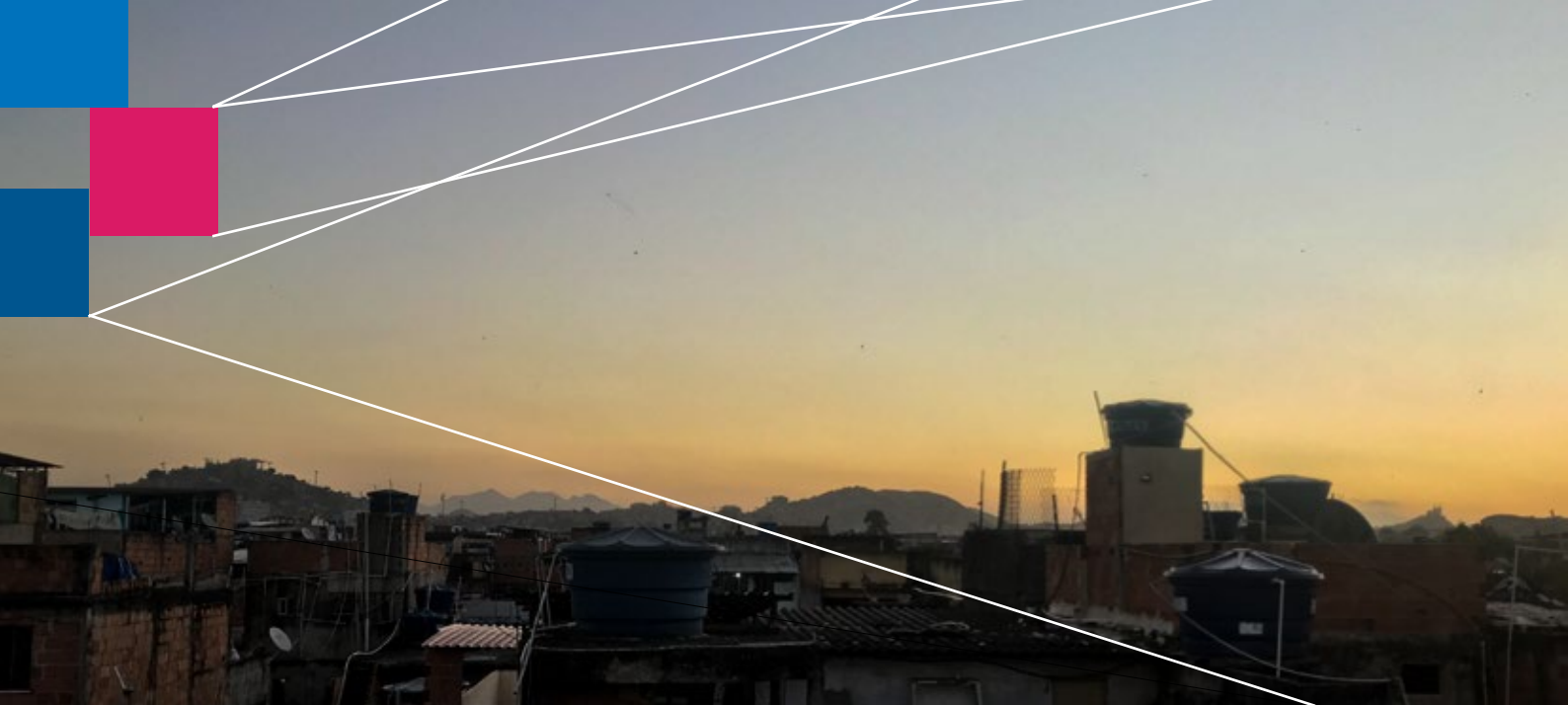


FOTO JAILTON NUNES

RESILIÊNCIA, RESISTÊNCIA, SOBREVIVÊNCIA

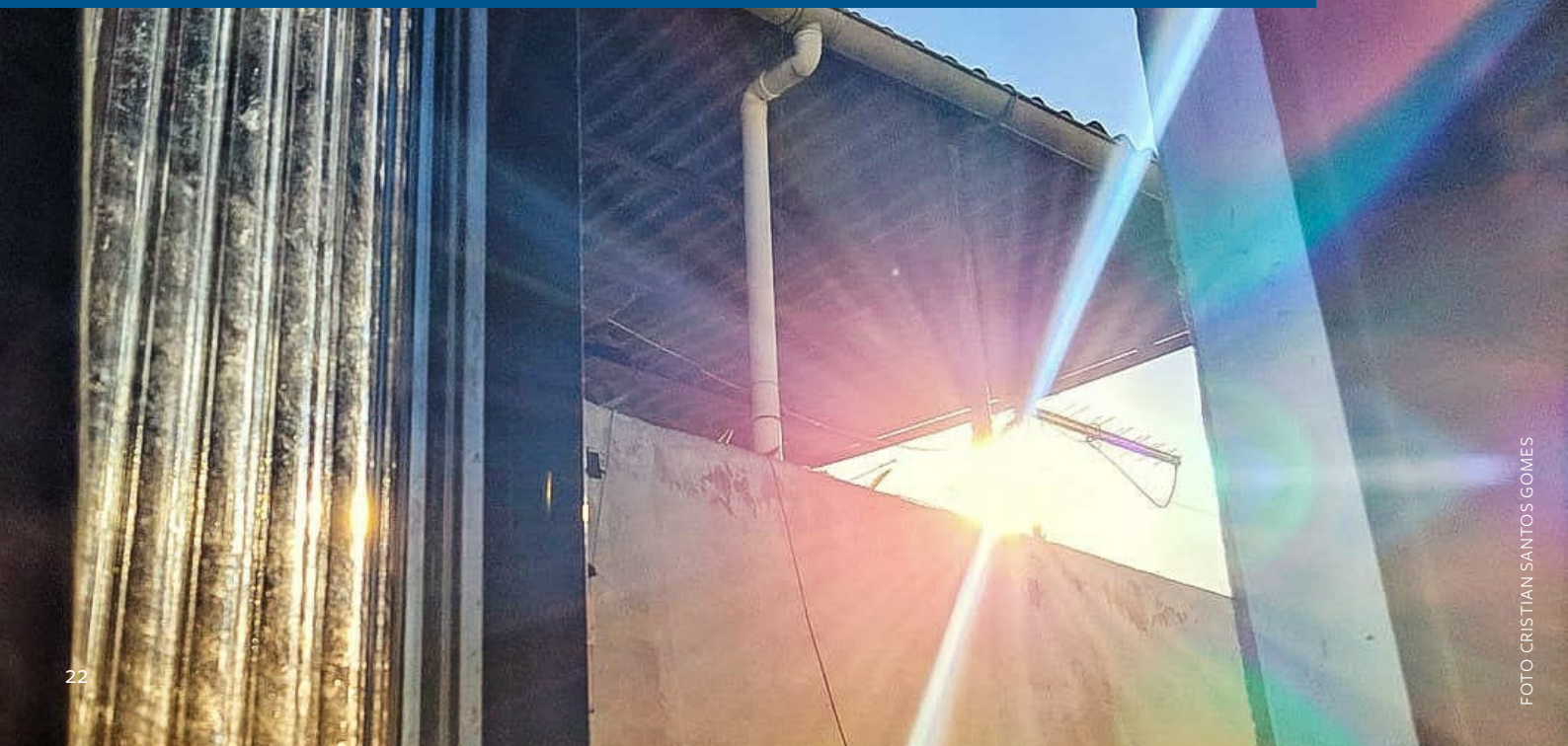


FOTO CRISTIAN SANTOS GOMES

Como tornar a vida suportável quando o medo é companhia constante? Como apostar no futuro, quando mortes, situações de abandono e violência tornam os indivíduos descrentes das instituições e do Estado? Como construir resiliência – a capacidade de reconhecer e superar dores e eventos traumáticos?

A pesquisa **Construindo Pontes** buscou respostas para essas perguntas entre os moradores da Maré. A manutenção de laços de afeto e apoio mútuo, o vínculo a uma religião e o acesso a espaços e práticas são fatores importantes de promoção do bem-estar. Os hábitos culturais na Maré foram tema de um estudo específico, que apresentaremos a seguir.

REDES DE APOIO

Redes de apoio formadas por familiares, amigos e vizinhos são fundamentais para lidar com adversidades, inclusive os efeitos da violência. Os domicílios da Maré têm, em média, 3,5 pessoas. Estima-se que 72% das residências abriguem três ou mais pessoas. Em 55% dos domicílios estavam presentes cônjuges; em 56% filhos.

Nas entrevistas, a população da Maré mostrou satisfação com aspectos da sua vida, como família e amigos. Dos entrevistados, 80% disseram estar satisfeitos na relação com a família e 85% com as pessoas com quem moravam. Além disso, 82% disseram ter “um amigo de verdade” e 66% declararam ter estado com um amigo na última semana. A maioria da população (69%) afirmou estar satisfeita com o número e qualidade de suas amizades.

Nas análises sobre resiliência, a pesquisa comparou os resultados acerca da percepção de bem-estar aos indicadores sintéticos, como o Índice de Exposição à Violência Armada (IEVA). De modo geral, os menores níveis de satisfação e bem-estar estão associados a maior exposição à violência armada. Manter uma relação conjugal, por exemplo, está associado a uma menor exposição aos episódios de violência armada, independentemente da idade.

Essa minha esposa, ela mudou meu pensamento da água para o vinho. Ela me mostrou outros meios de vida, me mostrou outros lugares. (...) Eu estava seguindo um caminho, consegui continuar minha trajetória de vida nos meus estudos...

(Homem, negro, 22 anos, morador)

RELIGIÃO

Para os entrevistados pela pesquisa, a prática religiosa gera sensação de pertencimento e proteção. Estima-se que **71% da população adulta da Maré praticam alguma religião**; 36,5% frequentam o espaço religioso uma vez por semana ou mais. Os maiores grupos são os católicos (cerca de 30%) e os evangélicos pentecostais (28,5%).

Eu já passei muitas dificuldades, perdi parente, tenho parente preso. (...) Perdi meu pai em um acidente muito feio. Se não fosse a fé eu não estaria aqui conversando contigo, já estaria sei lá, louco.

(Homem, 32 anos, morador)

ESPORTES E ATIVIDADES

Quase metade (46%) dos adultos da Maré tem o hábito de praticar algum tipo de esporte, atividade física ou corporal. Entre esses, 56,7% disseram se exercitar diariamente e 31%, pelo menos, uma vez por semana. As atividades mais citadas foram a caminhada (28,4%), o futebol (23,6%) e a ginástica e/ou musculação (18,7%).

A prática de atividades físicas foi mais frequente entre homens (57,1%) do que entre mulheres (35,9%). Mais da metade dos jovens de 18 a 29 anos se exercita (57%). Também são adeptos dos exercícios 43,8% daqueles entre 30 e 49 anos; 39,5% dos que têm entre 50 e 65 anos e 32% dos idosos com mais de 65 anos.

Entre os adeptos de atividades físicas, o *Índice de Exposição à Violência Armada (IEVA)* foi 30% maior do que entre os que não fazem exercícios. A relação pode indicar que o uso e a frequência de equipamentos está ligado a um estilo de vida com maior presença na rua e no espaço público, o que aumentaria as chances de estar exposto a episódios de violência.

VOCÊ ESTÁ SATISFEITO COM A SUA VIDA?

O questionário da pesquisa **Construindo Pontes** mediu a percepção dos moradores da Maré sobre o seu bem-estar e qualidade de vida com base em um método consolidado, conhecido como MANSA¹⁵. Os participantes responderam sobre sua satisfação a respeito de 13 aspectos das suas existências, desde a situação financeira à vida sexual, passando por segurança, saúde física, saúde mental e número e qualidade das amizades. **Quase um quarto (24,3%) dos adultos da Maré entrevistados disse estar “muito satisfeito” ou “satisfeito” com a sua vida.** Um grupo bem menor (11,9%) disse estar “muito insatisfeito” ou “insatisfeito”.

¹⁵ Manchester Short Assessment of Quality of Life

CULTURA E LAZER NA MARÉ

A oferta de oportunidades de lazer e cultura, em espaços específicos ou em casa, é um fator importante para promover o bem-estar e a superação do estresse cotidiano. Um dos interesses da pesquisa **Construindo Pontes** foi descobrir se a população adulta da Maré conhece os espaços de lazer e cultura locais e faz uso deles.

A pesquisa identificou que **71% da população adulta da Maré conheciam ao menos um espaço de arte e cultura no território** e 45% conheciam e conseguiram citar dois ou mais deles. Os lugares mais lembrados pelos entrevistados foram o Museu da Maré, a Vila Olímpica da Maré, a Lona Cultural e o Centro de Artes da Maré.

Conhecer, entretanto, não é frequentar. Para 75% dessas respostas, as pessoas, embora conhecessem os locais, não os tinham frequentado nos últimos três meses e, para 7% dos espaços citados, a frequência era menor que uma vez por mês. Assim, em apenas 18% das respostas, os moradores aproveitavam os equipamentos culturais que conheciam ao menos uma vez por mês ou com maior frequência.

Frequento a Vila [Vila Olímpica] lá, fazendo uma corridinha para manter a saúde em dia. (...) A gente pratica esporte, a gente desfruta da pracinha que nós temos ali, mas (...) a gente fica ali, naquela atenção, sem saber o que pode acontecer.

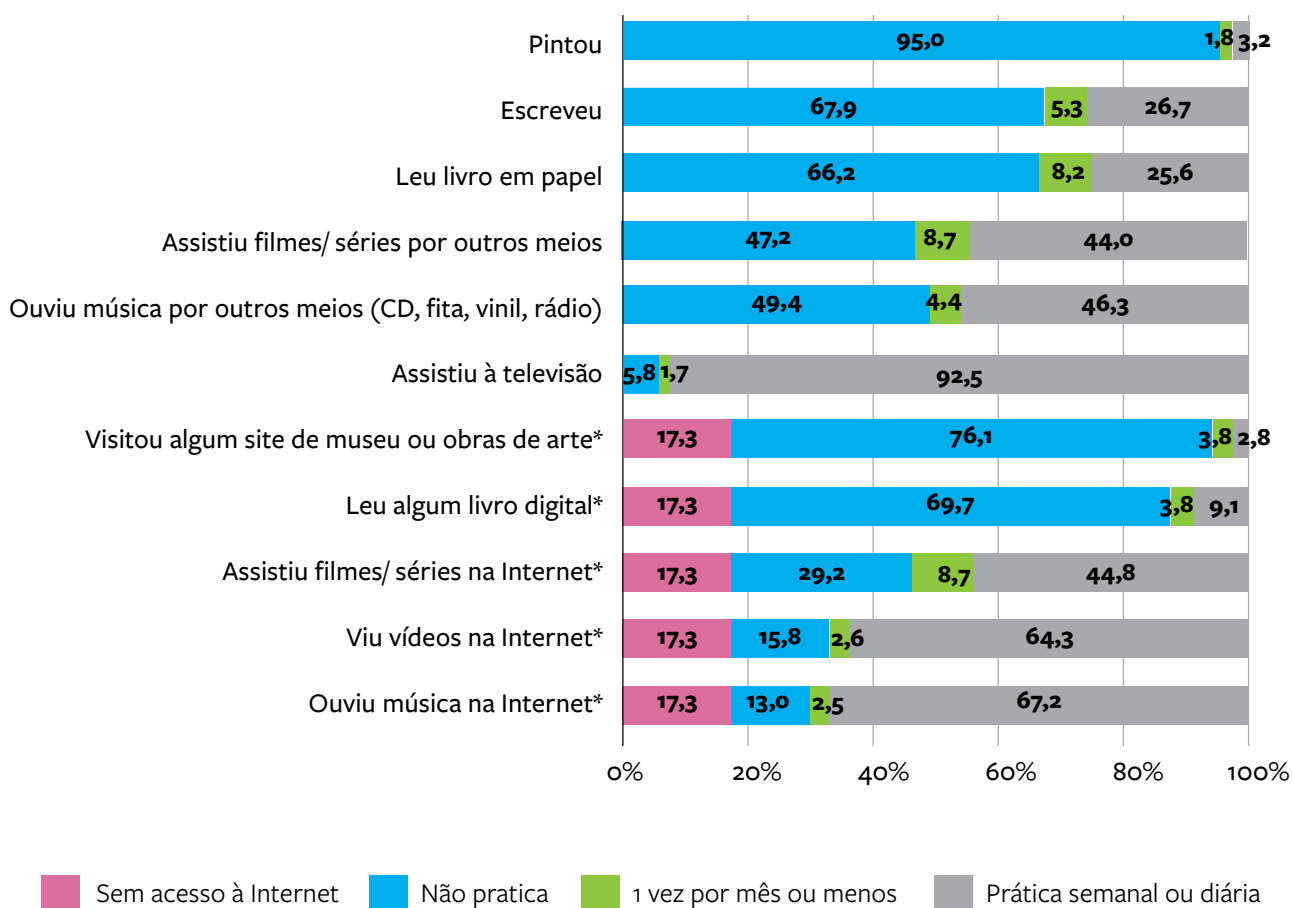
(Homem, 46 anos, negro, morador)



O CONSUMO CULTURAL NA MARÉ

Para compreender melhor as escolhas dos moradores da Maré, as atividades culturais foram divididas em dois aspectos: dentro e fora da residência. Foram classificadas como atividades internas: assistir à televisão, ouvir música pela internet, ouvir música por outros meios (rádio, CD e vinil), pintar, escrever, ler livros físicos e/ou digitais, ver filmes e séries pela internet e ver filmes por outros meios (DVD e televisão). Já as atividades externas foram: ouvir música ao vivo, ir a teatro, fotografar, cantar/dançar, ir a museu e ao cinema. As respostas dos entrevistados sobre com que intensidade praticam essas atividades foram agregadas no gráfico abaixo em três níveis: não pratica/participa, pratica menos de uma vez por mês e pratica mais do que uma vez por mês.

PRÁTICAS ARTÍSTICAS E CULTURAIS REALIZADAS DENTRO DA RESIDÊNCIA (%)



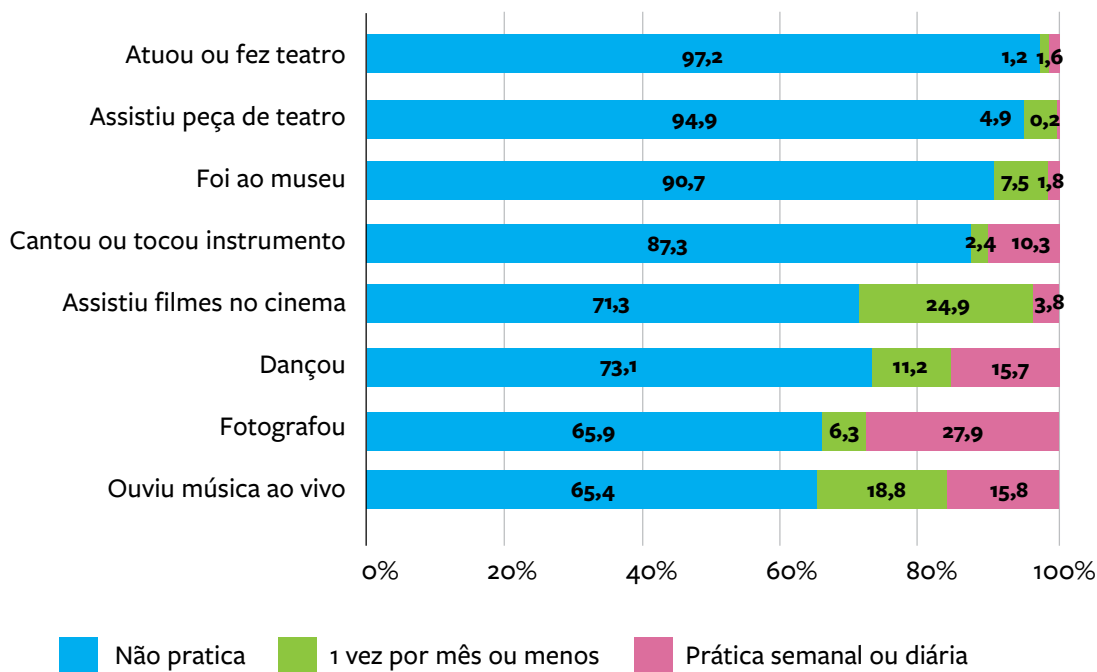
* Atividades que dependem de acesso à internet

Fonte: Dados da pesquisa **Construindo Pontes**, 2019.

Entre as atividades praticadas em casa, a mais popular foi assistir televisão. Boa parte da população adulta da Maré tinha esse hábito, e a grande maioria com regularidade semanal ou diária (92,5%). Segue-se a música ouvida pela Internet, apontada como uma prática cotidiana por 67,2% das pessoas, e os vídeos assistidos também pela Internet (64,3%). Esses percentuais foram expressivos apesar de quase um quarto da população da Maré não ter tido acesso à Internet nos últimos três meses (17,3%). Ouvir música por outros meios (como CDs e rádio) foi apontado como hábito frequente por 46,3% das pessoas, e assistir filmes ou séries por outros meios, como DVD, *Blu-ray* ou TV, por exemplo, foi apontado por 44%. O hábito de assistir filmes ou séries pela Internet foi apontado por 44,8%

O levantamento mostra que a internet é um meio popular de acesso à cultura na Maré, onde **83% da população adulta têm acesso à rede**. Mas a qualidade do serviço ainda deixa a desejar. **Quase um quinto dos que utilizam a internet (18%) classifica sua conexão como péssima ou ruim** e 40,9% como regular. A maioria, portanto, enfrenta dificuldades para aproveitar os bens culturais disponíveis *on-line*.

PRÁTICAS ARTÍSTICAS E CULTURAIS REALIZADAS FORA DA RESIDÊNCIA (%)



Fonte: Dados da pesquisa **Construindo Pontes**, 2019.

Ao contrário das atividades realizadas em casa, nota-se que apenas uma minoria dos moradores consome cultura em ambientes fora da sua residência. Entre as opções, ouvir música ao vivo, fotografar, dançar e ir ao cinema são as mais populares entre os *mareenses*. Há uma diferença, entretanto, na frequência com que estas atividades são realizadas. Fotografar, por exemplo, foi a atividade citada como mais cotidiana e frequente, uma vez que parece ser um hábito cultural semanal ou diário de quase 25% das pessoas. Por outro lado, embora ir ao cinema pareça ser um hábito de cerca de 25% da população adulta da Maré, apenas 3,2% informaram essa atividade como realizada semanal ou diariamente. A maior parte das pessoas que tem o costume de ir ao cinema o faz uma vez por mês ou com menor frequência. Ir ao museu e ao teatro foram atividades com pouquíssimos entusiastas.

Ao comparar as atividades praticadas com os dados dos entrevistados, é possível perceber que os jovens e os mais escolarizados são mais ativos nas práticas culturais. Os homens predominam, especialmente nas atividades externas.


Entre as atividades internas, os jovens são os mais ativos no consumo cultural pela internet: 92,4% consomem música e 92,7% assistem a vídeos pela internet. Entre os que têm mais de 65 anos, só 5,8% realizam tais atividades.

Quando se fala de práticas externas, 44,6% dos jovens frequentam shows de música ao vivo, contra 14,5% dos que têm mais de 65 anos. As pessoas de 18 a 29 anos também são muito mais adeptas de ir ao cinema (50,3%) do que as de 65 anos ou mais (2,1%).

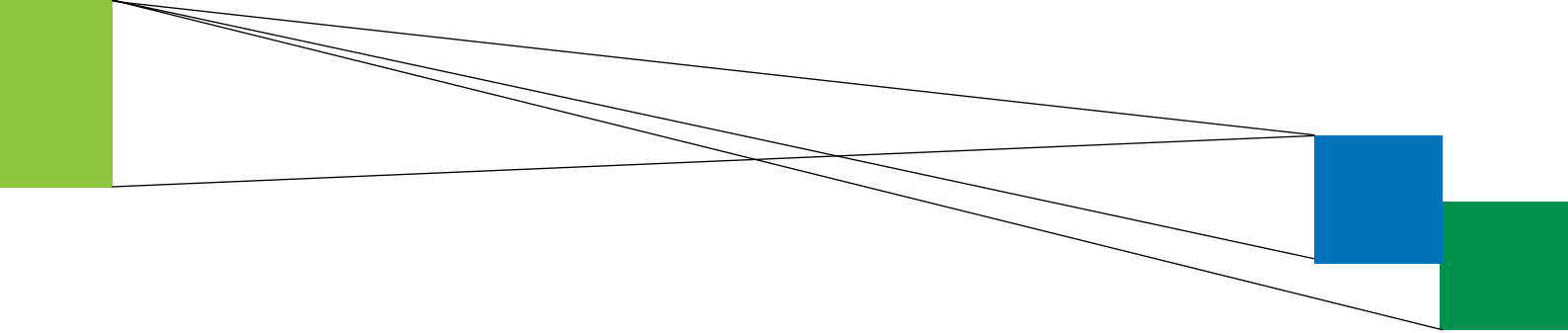
COMO AMPLIAR O ACESSO À CULTURA NA MARÉ

Embora a pesquisa **Construindo Pontes** não tenha como objetivo recomendar políticas públicas, o estudo sobre o tema da Cultura sugeriu ações que podem ampliar e diversificar a presença das atividades culturais no cotidiano dos moradores do território. Seguem algumas sugestões:

- As atividades culturais realizadas pela população da Maré são concentradas em poucos espaços. É importante disseminar informações sobre todos os locais e equipamentos de Cultura, divulgando a programação oferecida. Ao mesmo tempo, espaços onde atividades culturais acontecem informalmente precisam ser divulgados e qualificados.
- O acesso à internet ainda é limitado para a maioria dos moradores da Maré. Ações para ampliar o acesso a uma conexão de qualidade têm grande potencial de aumentar o consumo cultural pela população.
- O público das atividades culturais na Maré é na maioria jovem, homem e com nível cultural alto. São necessárias políticas que incluam pessoas mais velhas, mulheres e pessoas de menor renda e escolaridade, inclusive na oferta de acesso à internet de qualidade.
- É importante tornar os espaços onde se consome cultura seguros e confiáveis, a partir de ações sociais e de campanhas de informação.
- Os moradores da Maré consomem cultura intensamente, mas a variedade das atividades é pequena. É importante diversificar a oferta de práticas artísticas, especialmente museus, espaços de leitura e teatro.



'VIOLÊNCIA ARMADA' ATINGE FREQUENTADORES DAS CENAS DE USO DE DROGAS



Se os efeitos da *violência armada* sobre moradores de favelas são pouco documentados em pesquisas, o conhecimento sobre como os usuários de drogas legais e ilegais vivem e sofrem este cotidiano violento é ainda mais rarefeito. A pesquisa **Construindo Pontes** possibilitou um estudo inédito e de grande escala sobre o tema, produzindo dados a partir de entrevistas com 200 frequentadores das cenas de uso da Maré.

Desde o fim do ano de 2012, a Maré passou a abrigar algumas cenas – locais de concentração – de venda e uso de *crack* e outras drogas. A implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) nas favelas de Manguinhos e Jacarezinho fez com que os frequentadores das cenas de uso migrassem, impulsionando o comércio e o uso de drogas na Maré e no seu entorno. Hoje, a venda de *crack* é realizada nas favelas Parque Maré, Nova Holanda, Parque Rubens Vaz e Parque União.

Em 2015, a Redes da Maré iniciou trabalhos de pesquisa e de intervenção numa dessas cenas, situada na Rua Flavia Farnese. Em 2018, o trabalho ganhou um equipamento com a inauguração do *Espaço Normal*, primeiro centro de referência sobre drogas em um território de favela. O Espaço é um local de convivência e suporte para pessoas que fazem uso prejudicial de drogas, trabalhando com práticas de redução de danos e promovendo o autocuidado.

Foi a partir deste Espaço que a pesquisa **Construindo Pontes** conduziu entrevistas com frequentadores e usuários, sobre experiências de exposição à violência e seus efeitos na saúde física e mental. Os participantes frequentavam as cenas de uso existentes na Maré e em seu entorno no momento da pesquisa.

Os entrevistados responderam a um questionário semelhante ao aplicado ao público geral de moradores da Maré, com o acréscimo de questões específicas relacionadas a situações de moradia nas ruas, formas de violência sofridas por essa população e o risco de contrair doenças infecciosas. A similaridade dos dois instrumentos permitiu estabelecer algumas comparações. A pesquisa contou com uma etapa qualitativa, que compreendeu entrevistas com ex-frequentadores da cena de uso, profissionais de serviços públicos e integrantes da equipe do *Espaço Normal*. Em decorrência da pandemia da Covid-19, as entrevistas foram feitas pelas plataformas *online*. Os grupos focais realizados seguiram rígidos protocolos de prevenção.

O resultado traça um raro perfil dos usuários e mostra que, ao contrário do que diz o senso comum, as maiores vítimas da violência associada ao mercado de drogas são os próprios consumidores destas substâncias.

PERFIL DOS FREQUENTADORES

O grupo dos frequentadores da cena de uso na Maré é diferente da população em geral. É um grupo mais masculino, com maior presença de pessoas de cor preta e de jovens, porém menos escolarizado.

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO - PESSOAS NAS CENAS DE USO X POPULAÇÃO ADULTA DA MARÉ

CARACTERÍSTICAS DE PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO	PESSOAS NAS CENAS DE USO (%)	POPULAÇÃO ADULTA DA MARÉ (%)
Gênero masculino	71,5	48,7
Cor preta	48,7	20,0
Cor branca	13,7	32,2
Idade de 18 a 40 anos	75,0	57,0
Ensino Fundamental incompleto ou menos	64,0	40,6

Fonte: Dados da pesquisa **Construindo Pontes**, 2019-2020.

Quase 90% dos entrevistados estavam em situação de rua. Para grande parte deles, não era uma condição recente: 27% já viviam em situação de rua por um período de dois a cinco anos; 30% viviam nas ruas há mais de cinco anos.

Cenas de uso é praticamente onde o pessoal que usa qualquer tipo de droga se reúne, aí para uns é só um lugar de visita, de ir para lá para usar o que tiver e depois fazer sua correria, ir no pó, como eles falam hoje em dia, para trabalhar qualquer coisa, mas para outros era um lugar de moradia.

(Morador da Maré e ex-frequentador da cena da Rua Flavia Farnese)

DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO

Sentir-se discriminado é uma situação muito mais comum para os frequentadores das cenas da Maré.

Dos entrevistados, 28,4% relataram ter sido vítimas de discriminação e preconceito; na população adulta da Maré, 5,6% contaram ter vivido o mesmo. Além disso, mais da metade deles (53%) disseram que se sentem envergonhados junto a outras pessoas – um sentimento compartilhado por 25% dos moradores da Maré.

EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA

Ao contrário do que supõe a maioria das pessoas, as cenas de uso são reguladas por regras rígidas e hierarquias de poder. Uma pesquisa realizada, em 2015, pela Redes da Maré e pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC) com os frequentadores da Flavia Farnese mostrou que lideranças locais resolviam conflitos e exigiam o cumprimento de normas de comportamento. Os casos mais graves, que envolviam agressões e violações ao patrimônio de moradores, eram submetidos a representantes dos grupos armados que controlam o território e levavam a castigos físicos ou à expulsão da favela.

No levantamento feito pelo projeto **Construindo Pontes**, a proporção de frequentadores das cenas de uso que relatou situações de violência é muito superior à observada entre a população adulta em geral. **Pouco mais de dois terços estiveram em meio a um tiroteio; mais da metade assistiu a um espancamento ou agressão e mais de um terço viu alguém ser baleado ou morto.**

Veja na tabela a seguir a comparação entre os dois grupos.

EXPERIÊNCIAS DE VIOLÊNCIA OCORRIDAS NOS ÚLTIMOS 12 MESES NA MARÉ	PESSOAS NAS CENAS DE USO (%)	POPULAÇÃO ADULTA DA MARÉ (%)
Esteve em meio a um tiroteio na Maré	67,0	43,9
Viu alguém sendo espancado ou agredido	56,1	23,8
Viu alguém sendo baleado ou morto	36,2	16,9
A pessoa ou alguém da sua família teve alguma restrição no acesso a equipamentos públicos, como posto de saúde e escola, devido a alguma situação de violência	10,3	53,7
Teve algum prejuízo no trabalho ou escola/universidade devidos a alguma situação de violência	17,0	33,5
Alguém próximo foi morto ou baleado na Maré	37,9	25,5
Sofreu alguma violência verbal (xingado / humilhado)	34,9	10,8
Foi vítima de discriminação ou preconceito (racismo, homofobia, misoginia)	28,4	5,6
Teve alguma perda material (dano ao patrimônio, carro, janelas, ar-condicionado, objetos pessoais, equipamentos domésticos) devido a situações de violência	16,0	8,0
Sofreu extorsão	11,2	1,8
Foi agredido ou abusado fisicamente	19,4	1,8
Sofreu algum assédio sexual em ruas, vielas, praças ou eventos	9,7	3,2

Fonte: Dados da pesquisa **Construindo Pontes**, 2019-2020.

O alto percentual de pessoas que esteve em tiroteios (67%), muito superior ao da população domiciliada na Maré (44%), tem como uma de suas causas a localização das cenas. Algumas ficam nas *dívisas*, onde ocorrem confrontos entre facções rivais. O mesmo fator explica a grande **proporção de pessoas que viu alguém ser baleado ou morto (36%), bem maior do que o encontrado para a totalidade dos moradores (17%).**

Já a **grande proporção de frequentadores de cenas de uso que testemunharam espancamentos e agressões – 56%, mais do que o dobro dos 24% do percentual da população da Maré – é um eloquente indício da violência** a que estes usuários são submetidos, inclusive em função de distúrbios causados pela dependência.

Foi ali mesmo. Entende? Foram vários outros casos, vários. Meu amigo tomou um tiro sentado no sofá, na cena da 29, entende? Não foi da Polícia, mas de confronto, a guerra que a droga causa.

(Homem, negro, 27 anos, ex-frequentador do *Espaço Normal*)

Igualmente, chama a atenção o número proporcionalmente mais alto de pessoas que relataram ter sofrido agressão física: 19,4%, contra apenas 1,8% da população adulta da Maré. Esta exposição à violência está diretamente ligada ao controle da população por grupos armados. Além das normas citadas, um dos fatores é a associação dos usuários de crack ao Comando Vermelho, única facção que comercializa esta droga na Maré. Por causa desta ligação, os integrantes da facção rival, muitas vezes, punem os frequentadores das cenas que circulam em seus territórios.

Ele mora do outro lado da divisa. Eu acho que ainda é Nova Holanda. (...) Ele usa a maconha dele, então ele para ali, usa a droga dele e retorna. Eles pegaram ele, deram uma bela de uma surra, machucaram bastante e mandaram dar o recado: Não querem ninguém do outro lado, não querem ninguém circulando da divisa para lá.

(Mulher, negra, integrante do grupo focal do *Espaço Normal*)

Os entrevistados relataram violações, muitas vezes praticadas por policiais: **24% deles perderam documentos ou bens pessoais e 11% foram privados de medicamentos devido à intervenção de agentes do Estado.** Nada menos que 16% tiveram de sair da Maré ou de outros lugares por medo de ameaças sofridas. Além disso, 11,2% relataram já terem sofrido extorsão, enquanto apenas 1,8% da população adulta da Maré afirmou ter passado pela mesma experiência.

MEDO E INSEGURANÇA

Contrariamente ao que seria de se esperar, o medo da exposição à *violência armada* e da vitimização não foi necessariamente maior entre os frequentadores das cenas de uso de drogas do que entre os ouvidos na pesquisa domiciliar. O temor de ser atingido por bala perdida é o mesmo entre os dois grupos. Já o medo de alguém próximo sofrer violências, seja por bala ou agressão, é significativamente maior entre moradores do que entre os usuários que frequentam a Maré.

PERCENTUAL DE PESSOAS QUE SENTEM MEDO FREQUENTE (SEMPRE OU MUITAS VEZES) DE SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA NA MARÉ. PESSOAS NAS CENAS DE USO X POPULAÇÃO ADULTA DA MARÉ

SENTEM MEDO SEMPRE OU MUITAS VEZES DE...	PESSOAS NAS CENAS DE USO (%)	POPULAÇÃO DA MARÉ (%)
De ser atingido por uma bala perdida na Maré	61,1	62,7
De que alguém próximo seja atingido por uma bala perdida na Maré	52,2	70,9
De sofrer agressão física ou verbal dentro da Maré	44,7	33,8
De que alguém próximo sofra agressão física ou verbal dentro da Maré	38,2	46,0
De ter perda econômica/material ou de perder o trabalho por causa de situações de violência na Maré	39,2	34,7
De se envolver com atividades ilícitas ou ilegais	48,7	22,9
De que alguém próximo tenha de se envolver com atividades ilícitas ou ilegais	42,3	37,7
De falar o que pensa ou sente na Maré	36,0	31,5
De circular na Maré	19,3	11,5

Fonte: Dados da pesquisa **Construindo Pontes**, 2019-2020.

As categorias em que os entrevistados expressaram mais medo parecem estar associadas ao uso das drogas e à vida em situação de rua. **Os entrevistados no Espaço Normal têm mais medo de sofrer uma agressão física** (44,7% contra 33,8% da população domiciliada na Maré); **de circular na Maré** (19,3%, quando na amostra domiciliar o percentual é de 11,5%) e **de se envolver em atividades ilícitas ou ilegais** (48,7% - o dobro dos 22,9% da população adulta na Maré).

Tanto os relatos de experiências de exposição à violência quanto os medos expressados neste levantamento mostram que, por mais que crimes contra a propriedade possam ser atribuídos aos usuários de *crack*, os crimes contra a vida e os episódios de violência relacionados ao uso compulsivo da droga atingem principalmente estes mesmos usuários. Um quadro que contraria o senso comum e o que é propagado pela mídia e que demonstra a necessidade de respostas do Estado para este grave problema social.

REDES DE APOIO E CUIDADO COMUNITÁRIO

A abertura das cenas de *crack* na Maré provocou respostas do poder público. No campo da Saúde, o atendimento foi disponibilizado principalmente pelas equipes do *Consultório de Rua*, iniciativa municipal que oferece atendimento para pessoas em situação de rua. Outro projeto que atuou no local foi o *Programa Proximidade*, pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS). O programa funcionou até 2016, e trabalhava com a escuta dos usuários de *crack* e outras drogas nas próprias cenas de uso, visando à oferta de tratamento e apoio social. Em 2014, foi inaugurado o Centro de Atenção Psicossocial para Usuários de Álcool e outras Drogas – CAPSad III Miriam Makeba e a Unidade de Acolhimento Adulto (UAA) Metamorfose Ambulante.

Em 2016, foi criado o Fórum de Atenção e Cuidado aos Usuários de Álcool e outras Drogas na Maré, que articula as organizações acima e outras, como as Clínicas da Família, os CREAS (Centros de Referência Especializado de Assistência Social) Stella Maris e Nelson Carneiro, o Centro POP José Saramago e o Hotel Solidário de Bonsucesso. Uma das atividades desenvolvidas pelo Fórum é o ATENDA – Espaço de Atendimento Integrado, que até o início da pandemia de COVID-19 oferecia atendimento de saúde e assistência social regular nas próprias cenas de uso, além de atividades culturais.

Paralelamente a estas iniciativas, o *Espaço Normal* oferece um local de acolhida. Destinado inicialmente aos frequentadores das cenas de uso, o Espaço hoje é uma referência para um público mais amplo, que não vive em situação de rua, mas apresenta problemas relacionados ao consumo de álcool e outras drogas. Quem procura o lugar sabe que, lá, vai encontrar profissionais capazes de apoiar e orientar os usuários, além de um canto para repousar e fazer a higiene pessoal. Entre as tarefas frequentes da equipe do Espaço Normal, uma das mais importantes é fazer a mediação entre os usuários e serviços públicos, potencializando o cuidado e ampliando a efetividade dos atendimentos.

A (...) assistente social do Espaço Normal, ela mandou uma carta de referência para eu ir na clínica tal, aí nós somos atendidos sozinhos ou com profissional da Redes que está acostumado a acompanhar a gente da cena. Só assim que somos atendidos. Isso aí é real.

(Homem, negro, 27 anos, ex-morador da cena de uso da Rua Flavia Farnese)

Infelizmente, nos anos de 2018 e 2019, durante o mandato do prefeito Marcelo Crivella, a Prefeitura realizou grandes cortes nos recursos destinados ao orçamento da Saúde Pública, levando a um desmonte do setor. Mais de 5 mil profissionais de Saúde foram demitidos, equipes inteiras do NASF (Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica) foram extintas e houve repetidos atrasos no repasse de verbas para as organizações sociais responsáveis pela gestão das unidades de Saúde, causando falta de medicamentos e insumos, além de atrasos nos pagamentos. Como resultado, os serviços públicos passaram a funcionar de forma extremamente precária, agravando as dificuldades da população em situação de rua na Maré.

A gente teve um desmonte dos Núcleos de Apoio e suporte à Atenção Básica de Saúde (...) Esses profissionais, hoje (...) não estão em todo o território, não cobrem toda a região da Maré (...) e isso é muito grave.

(Profissional de Saúde)

FOTO FAGNER FRANÇA

APRENDIZADOS

FOTO JULIANA OLIVEIRA

Ao sair a campo, a pesquisa **Construindo Pontes** pretendia responder a três perguntas principais: Como vai a saúde física e mental dos moradores das 16 favelas da Maré? Quais são os efeitos da *violência armada* sobre a saúde destas populações? Como as pessoas cuidam do seu bem-estar e lidam com os riscos de um cotidiano com os desafios em torno da *violência armada*?

Com base nas informações fornecidas por 1.411 pessoas e em dezenas de relatos obtidos em entrevistas e grupos de discussão, apresentamos achados que desafiam o senso comum e exigem ações dos gestores públicos. Os resultados mostram que, ao contrário da visão defendida por alguns, segundo a qual as populações de favelas teriam se acostumado à *violência armada* em seu cotidiano, os moradores destes territórios são profundamente afetados pelos confrontos bélicos, agressões diversas e violações que os atingem com grande frequência.

Na verdade, o projeto **Construindo Pontes** mostrou que a rotina de conflitos, mortes e feridos causa níveis impressionantes de sofrimento mental na população da Maré, onde 44% dos moradores relataram ter estado em meio a um tiroteio nos 12 meses antes da pesquisa e 17% testemunharam alguém ser baleado ou assassinado no mesmo período. Dos entrevistados, 71% sentem medo, sempre ou muitas vezes, de que alguém próximo seja atingido por bala perdida, e 63% vivem com o receio de serem as próprias vítimas.

A exposição à violência é ainda maior entre os frequentadores das cenas de uso de drogas na Maré: 67% deles estiveram em meio a um tiroteio; 56% viram alguém ser agredido e 36,2% viram uma pessoa ser baleada ou morta.

O estresse e o luto causados por violências repetidas têm, sim, consequências para a saúde mental e física dos moradores das favelas da Maré, de acordo com os seus depoimentos. Um quinto da população acredita que o contexto de violência da Maré afetou a sua saúde física; 31% perceberam prejuízos à sua saúde mental e emocional. Relações familiares e amizades são fatores de promoção de resiliência neste contexto conturbado. Outros fatores importantes para o bem-estar, como a utilização de serviços de Saúde e as práticas culturais e esportivas, apresentam dificuldades de acesso, causadas pela própria violência, pela má qualidade da rede de internet, pela oferta reduzida de espaços de lazer e cultura e até pelo desconhecimento das opções disponíveis no território.

Estas questões demandam ações dos governos que apoiem os moradores da Maré e reduzam os fatores que promovem a exposição à violência no cotidiano dos cidadãos. Entre eles, talvez o mais importante seja a mudança da política de Segurança Pública adotada pelo governo do Estado do Rio de Janeiro para os territórios de favela, voltada a uma inútil *Guerra às Drogas* e baseada em incursões policiais violentas, que expõem a população a conflitos armados. Ao invés de representar proteção, as forças policiais estão associadas ao medo para a maioria dos moradores da Maré.

Esperamos que os dados e análises da pesquisa **Construindo Pontes** contribuam para uma avaliação crítica das ações governamentais nos espaços populares e para que a presença do Estado seja menos marcada por operações e tiroteios e mais por políticas que garantam o bem-estar dos moradores de favelas e periferias.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, imensamente, aos moradores e às moradoras das 16 favelas da Maré, que abriram suas portas e suas vidas às nossas pesquisadoras, compartilhando, com coragem e generosidade, relatos pessoais sobre como vivem e enfrentam as dificuldades no seu dia a dia. Sem isso, não teríamos conseguido construir esta primeira investigação sobre a saúde mental da população deste território.

Não podemos deixar de enfatizar o quanto foram fundamentais as parcerias estabelecidas com as diversas universidades que participaram do projeto **Construindo Pontes**, assim como o envolvimento de pesquisadores que, apesar de todos os desafios, se engajaram na produção de conhecimento e ousaram ir além dos limites convencionais da pesquisa acadêmica. Queremos homenagear e agradecer às equipes da QMUL, UFRJ e UFRGS, que confiaram nesse trabalho e atenderam às complexas demandas dessa iniciativa, mesmo em tempos excepcionalmente conturbados.

Em todas as etapas dessa jornada, fomos acompanhados por uma rede de companheiros e companheiras de viagem, cujo próprio trabalho ilumina o estudo das interseções entre violência, pobreza, cultura e saúde mental. Queremos expressar nossa gratidão, em particular, a Silvia Ramos e Pedro Gabriel Delgado, que se dispuseram a ser críticos no processo de construção da investigação. E, por fim, mas não menos importante, gostaríamos de agradecer a dedicação e o compromisso de Anabela Paiva, que condensou, neste Boletim, com grande habilidade, os artigos resultantes dos estudos e análises produzidos.

Esse trabalho só foi possível pela parceria sólida e de longa data entre Redes da Maré e People's Palace Projects, que se mantém pelo respeito e o prazer de trabalharmos juntos.

Eliana Sousa Silva e Paul Heritage

CRÉDITOS

Instituições parceiras envolvidas na pesquisa

PEOPLE'S PALACE PROJECTS – PPP

A People's Palace Projects é uma organização não governamental de pesquisa e desenvolvimento de projetos em artes e justiça social, com sede no Departamento de Teatro da Queen Mary University of London. Há mais de duas décadas, a PPP visa entender o impacto social e humano de atividades culturais do Reino Unido, América Latina – principalmente em favelas e territórios indígenas no Brasil – e Ásia, por meio de pesquisa acadêmica e cocriação artística. Corais de moradores de rua e usuários de drogas, trabalho com meninas e mulheres vítimas de violência doméstica, residências artísticas em reservas indígenas estão entre os destaques dos projetos conduzidos pela PPP.

QUEEN MARY UNIVERSITY OF LONDON

Com mais de dois séculos de história, a Queen Mary University of London, com sede na capital britânica, é reconhecida internacionalmente por sua liderança em pesquisas e ensino de alta qualidade. A instituição tem como missão a inclusão e diversidade de pessoas, ideias e opiniões, e foca em três principais áreas de pesquisa e ensino: Ciências Humanas; Ciências e Engenharia; Medicina e Odontologia.

REDES DA MARÉ

A Redes da Maré, com sede no Rio de Janeiro, é uma organização da sociedade civil, criada por moradores/as de um dos maiores conjuntos de favelas do Brasil. Há mais de duas décadas em funcionamento, tem como missão tecer as redes necessárias para a melhoria da qualidade de vida e a garantia de direitos básicos dos mais de 140 mil moradores/as do conjunto de 16 favelas da Maré. Atualmente, desenvolve mais de 40 projetos, que beneficiam diretamente mais de 4.500 moradores/as, nas áreas de Educação, Arte, Cultura e Memória, Direito à Segurança Pública e Justiça e Desenvolvimento Territorial, buscando superar a desigualdade histórica enfrentada pelas populações de favelas.

ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL – UFRJ

O grupo de pesquisa “Políticas de Prevenção da Violência, Acesso à Justiça e Educação em Direitos Humanos” é vinculado ao programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Já coordenou diferentes projetos de pesquisa no campo do Acesso à Justiça, Formas Alternativas de Resolução de Conflitos, Prevenção da Violência, Segurança Pública e Populações em Situação de Rua. Atualmente, o grupo dedica-se ao estudo da violência urbana em territórios dominados por grupos armados e sua interseção com racismo estrutural, violência de gênero e políticas de drogas.

PROJAD - IPUB – UFRJ

Criado em 1938, o Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB – UFRJ) é um órgão suplementar do Centro de Ciências da Saúde (CCS), que tem por finalidade desenvolver atividades de ensino, pesquisa, extensão e assistência no campo da Psiquiatria e Saúde Mental. O Programa de Estudos e Assistência ao Uso Indevido de Drogas (PROJAD) do IPUB desenvolve atividades de assistência, pesquisa e ensino focadas nos problemas relacionados ao uso de drogas, desde 1996. Entre os estudos desenvolvidos encontram-se pesquisas sobre acesso ao tratamento de pessoas com problemas com drogas, publicados em diversas revistas científicas nacionais e internacionais.

NECCULT

O Núcleo de Estudos em Economia Criativa e da Cultura é um ambiente interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão, vinculado à Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS. O NECCULT foi criado em 2015, a partir da confluência de diferentes iniciativas de estudos da Economia Criativa, Cultura e Inovação. O Núcleo busca agregar os trabalhos desenvolvidos pelo Observatório de Economia Criativa do Rio Grande do Sul e do grupo de pesquisa do CNPq em Economia Criativa, Cultura e Desenvolvimento.

Equipe de pesquisa

Investigador Principal

Paul Heritage – professor titular de Teatro e Artes Performáticas na QMUL e diretor da People's Palace Projects (PPP)

Consultora Geral

Eliana Sousa Silva – diretora da Redes de Desenvolvimento da Maré

Coinvestigadores

Stefan Priebe – professor titular de Psiquiatria Social e Comunitária na QMUL e diretor da Unidade de Psiquiatria Social e Comunitária, Centro colaborativo com a Organização Mundial de Saúde para Desenvolvimento em Saúde Mental, QMUL
Miriam Krenzinger – professora associada IV e diretora da Escola de Serviço Social da UFRJ
Marcelo Santos Cruz – professor colaborador do Instituto de Psiquiatria da UFRJ

Investigador Consultor

Leandro Valiati – professor titular de Economia da Cultura no Núcleo de Estudos em Economia da Cultura da UFRGS

Consultor de dados e estatística

Eduardo Ribeiro – professor adjunto do Departamento de Sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Equipe Redes da Maré

Luna Arouca – assistente de pesquisa e coordenadora do Espaço Normal
Maíra Gabriel Anhorn – assistente de pesquisa e coordenadora geral de campo
Rodrigo Nascimento – assistente de pesquisa
Dalcio Marinho – gerente de estatísticas
Bianca Cambiaghi – assistente de estatísticas
Elza Sousa Silva – assistente de pesquisa e pesquisadora de campo
Maykon Sardinha – mobilizador territorial
Giselle Moraes – pesquisadora de campo
Isabele dos Anjos – pesquisadora de campo
Jordana Farias – pesquisadora de campo
Maria Daiane de Araújo – pesquisadora de campo
Viviane Linares – pesquisadora de campo
Henrique Gomes – articulador territorial

Equipe People's Palace Projects

Renata Peppl – gerente geral do projeto, PPPUK
Brenno Erick – coordenador do projeto, PPP do Brasil
Poppy Spowage – supervisora do projeto, PPPUK
Rosie Hunter – diretora executiva, PPPUK
Sam Moloney – gerente geral, PPPUK
Yula Rocha – gerente de comunicação, PPPUK
Rafael Braga – gerente administrativo, PPP do Brasil
Luciana Goulart – assistente financeira, PPP do Brasil
Elquires Sousa – assistente de projeto, PPP do Brasil
Jan Onoszko – tradutor e intérprete, PPP do Brasil

Equipe de Pesquisa - Ciências Sociais

Miriam Krenzinger – coordenadora de pesquisa
Luiz Eduardo Soares – consultor e pesquisador
Eduardo Ribeiro – pesquisador, consultor de dados e estatísticas
Giselle Moraes – assistente de pesquisa
Nathália Guindani – assistente de pesquisa
Rodrigo Nascimento – assistente de pesquisa

Equipe de Pesquisa - Saúde

Marcelo Santos Cruz – coordenador de pesquisa
Ana Carolina Robbe Mathias – assistente de pesquisa
Taís Vernaglia – assistente de pesquisa
Maurício Letta – assistente de pesquisa
Karla Amado – assistente de pesquisa
Mariana Almeida – assistente de pesquisa
Alden Brandão – estagiário
Tatiana Henriques Leite – estatística
Vitor Paravidino – estatístico
Victoria Bird – consultora, pesquisadora da Unidade de Psiquiatria Social e Comunitária, QMUL

Equipe de Pesquisa - Economia da Cultura

Leandro Valiati – coordenador de pesquisa
Bruna Cataldo – assistente de pesquisa
Luisa Iachan – assistente de pesquisa

Equipe - Espaço Normal

Dayana Gusmão – assistente social
Elivanda Canuto – redutora de danos
Lucilene Gomes – advogada
Cristiane Marcelino – estagiária de Serviço Social
Priscila Marques Niza de Oliveira – estagiária de Serviço Social
Leonardo Silva – mobilizador territorial
Lilian Leonel – mobilizadora territorial
Valdemir Gomes – mobilizador territorial
Valderrama – mobilizador territorial
Ricardo Heleno – mobilizador territorial
Ricardo Branco – condutor do coral

Financiamento

Economic and Social Research Council (ESRC) e Arts and Humanities Research Council (AHRC) por meio do Global Challenges Research Fund (GCRF). Todo o trabalho realizado pela People's Palace Project é apoiado pela Queen Mary University of London e Arts Council England.

Boletim

Fabiana Comparato – coordenadora editorial

Anabela Paiva – edição

Patrícia Façanha – identidade visual, *design* e diagramação

Flavia Castro – *design* e diagramação

Elizete Munhoz – revisora

Imagem capa – Obra de Laura Taves -

Azulejaria para a fachada da Casa das Mulheres - Maré 2017

Foto capa – Douglas Lopes

Todas as demais fotos foram realizadas por participantes do projeto *A Maré de Casa*, realizado no âmbito da pesquisa

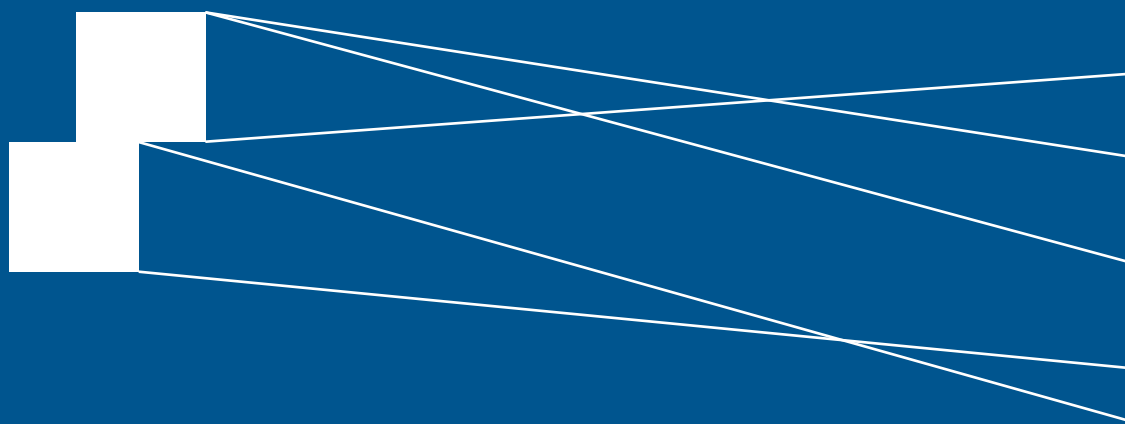
Construindo Pontes.

CONSTRUINDO

PONTES

peoplespalaceprojects.org.uk/pt

www.redesdamare.org.br





REALIZAÇÃO



PARCEIROS



APOIO



Supported using public funding by
ARTS COUNCIL ENGLAND